



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AMANDA GOMES FERNANDES

**O QUE HÁ SOB OS SOLOS DO CERRADO?
A ARQUEOLOGIA DO BIOMA A PARTIR DOS ARTIGOS PUBLICADOS
PELA REVISTA HABITUS, DO INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA (IGPA).**

DISTRITO FEDERAL

2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AMANDA GOMES FERNANDES

**O QUE HÁ SOB OS SOLOS DO CERRADO? A ARQUEOLOGIA DO BIOMA A
PARTIR DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELA REVISTA HABITUS, DO
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA (IGPA).**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa.

DISTRITO FEDERAL

2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AMANDA GOMES FERNANDES

**O QUE HÁ SOB OS SOLOS DO CERRADO? A ARQUEOLOGIA DO BIOMA A
PARTIR DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELA REVISTA HABITUS, DO
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA (IGPA).**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Rosângela Azevedo Corrêa
FE/UnB

Prof. Dr. José Inaldo Chaves
HIS/ICH/UnB

DISTRITO FEDERAL

2024

DEDICATÓRIA

Dedico-o à minha mãe, Andréa Cecília. Você traz a vida para os meus dias e os teus sonhos se tornam os nossos sonhos. Obrigada por ter plantado em mim a curiosidade e o desejo de um mundo melhor. Espero percorrer ainda mais os caminhos do conhecimento ao seu lado. Na jornada por aprender, você sempre será a inspiração.

AGRADECIMENTOS

Início meu trabalho de conclusão de curso celebrando as figuras dos meus ancestrais. Ao meu avô, Luiz Gomes Filho, que não vivenciará esse momento comigo, mas que um dia me deu a direção de toda essa jornada. Graças aos seus incentivos para me inscrever no vestibular e à educação pública ímpar da Universidade de Brasília (UnB), tive a oportunidade de não apenas cursar História, mas de participar do Edital INT/Nº 2/2021, para estudar Arqueologia como discente do Bachalier en Histoire de l'Art et Archéologie, da Faculté de Philosophie et Lettres, na Université de Liège, na Bélgica. Em meu retorno dessa experiência tão enriquecedora, quando comecei a escrever esse trabalho, nos despedimos, por ora.

À minha avó, Edna Leda, a pessoa que abriu a Nzila da minha família. Desde 2017, eu e minha mãe compartilhamos os cuidados paliativos da minha avó com estágio avançado de Alzheimer. Sou grata ao universo pela chance de acompanhá-la nesse processo, mas a dinâmica de uma casa assim não é fácil, o que tornou a escrita desse trabalho por vezes árdua. Com isso, agradeço as mãos cuidadosas que por muitas vezes me sustentaram: Sara de Medeiros, Stephanie Santos, Leo e Adriana Correia.

Aos meus avôs, Clarice Fernandes, Elmo Fernandes e Marise Carneiro, obrigada por tanto carinho e afeto. À minha irmã, Ana Clara Fernandes, obrigada pelo amor e pelo nosso futuro cheio de saberes juntas. Às minhas primas Larissa e Bruna Fernandes, por serem minhas parceiras e companheiras de jornada até aqui.

À família que escolhi: um grande obrigada àquelas que me acompanham há mais de 10 anos, Mihari, Bárbara, Sharis, Susana e Victória. Agradeço enorme aos encontros mais recentes que me trouxeram tanta felicidade! Não conseguiria dizer todos os nomes daqueles que influenciaram, seja diretamente ou indiretamente este trabalho, mas esses são alguns que me ensinaram tanto... Caju, Rafa, Ju Ospina, Thales, Viv, Larinha, Yeda, Vick, Verô, Naíla, Male, Djalma, Iggy, Allana, Feza e Zosia.

Aos meus animais, em especial, à gata Maria Maria, que me acompanhou durante toda a escrita desse trabalho.

Por fim, obrigada aos mestres de cada disciplina cursada, aos mestres da rua, aos servidores do Departamento de História e da UnB, e ao meu orientador, Kelerson Semerene, pela dedicação e amparo durante esta graduação.

RESUMO

A arqueologia é uma ciência social que estuda as sociedades humanas através dos vestígios materiais, dados biológicos, características geofísicas e referências paleoambientais. A interpretação desses dados permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas ambientais, históricas e culturais dos grupos do passado, indo além da simples escavação de objetos antigos. A divulgação sobre os resultados de pesquisas arqueológicas se dá através de periódicos científicos como a Revista *Habitus*, que é uma publicação semestral do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Universidade Pontifícia Católica de Goiás (PUC-GO), sobre a arqueologia, história, antropologia, documentação audiovisual e meio ambiente. Nosso trabalho buscou compreender as perspectivas históricas ligadas à arqueologia no bioma Cerrado a partir da literatura brasileira especializada sobre o tema e dos estudos desenvolvidos e/ou divulgados pelo IGPA e convidados. Durante a análise da revista, buscamos tanto organizar a bibliografia publicada por temáticas, como refletir sobre as atuações do IGPA para ampliação do acesso à educação e ao desenvolvimento do conhecimento arqueológico sobre o bioma, no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Cerrado, Arqueologia, Divulgação Científica, Revista *Habitus*, IGPA.

ABSTRACT

Archaeology is a social science that studies human societies through material remains, biological data, geophysical characteristics and paleoenvironmental references. The interpretation of this data allows for a deeper understanding of the environmental, historical and cultural dynamics of past groups, going beyond the simple excavation of ancient objects. The results of archaeological research are disseminated through scientific journals such as *Revista Habitus*, a biannual publication of the Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), of the Pontifical Catholic University of Goiás (PUC-GO), on archaeology, history, anthropology, audiovisual documentation and the environment. Our work sought to understand the historical perspectives linked to archaeology in the Cerrado biome based on the specialized Brazilian literature on the subject and the studies developed and/or published by the IGPA and invited guests. During the analysis of the journal, we sought both to organize the published bibliography by theme and to reflect on the IGPA's actions to expand access to education and the development of archaeological knowledge about the biome in Brazil and around the world.

Keywords: Cerrado, Archaeology, Scientific Communication, *Revista Habitus*, IGPA.

RESUMÉ

L'archéologie est une science sociale qui étudie les sociétés humaines à travers les vestiges matériels, les données biologiques, les caractéristiques géophysiques et les références paléoenvironnementales. L'interprétation de ces données permet de mieux comprendre les dynamiques environnementales, historiques et culturelles des groupes passés, au-delà de la simple excavation d'objets anciens. Les résultats des recherches archéologiques sont diffusés dans des revues scientifiques telles que Revista Habitus, une publication semestrielle de l'Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), de l'Université catholique pontificale de Goiás (PUC-GO), sur l'archéologie, l'histoire, l'anthropologie, la documentation audiovisuelle et l'environnement. Notre travail a cherché à comprendre les perspectives historiques liées à l'archéologie dans le biome du Cerrado en se basant sur la littérature brésilienne spécialisée sur le sujet et les études développées et/ou publiées par l'IGPA et les invités. Lors de l'analyse de la revue, nous avons cherché à la fois à organiser la bibliographie publiée par thème et à réfléchir aux actions de l'IGPA pour élargir l'accès à l'éducation et au développement des connaissances archéologiques sur le biome au Brésil et dans le monde.

Mots-clés : Cerrado, Archéologie, Diffusion scientifique, Revista Habitus, IGPA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: 1. Os contextos históricos do desenvolvimento da ciência arqueológica no Brasil;	16
2. Os principais debates científicos em torno de uma arqueologia do Cerrado;	18
3. A divulgação científica da arqueologia;	22
4. A educação em arqueologia.	23
CAPÍTULO II: 1. O início da pesquisa arqueológica do IGPA;	26
2. A interdisciplinaridade no seio temático da Revista Habitus.	35
CAPÍTULO III: 1. As pesquisas sobre a Tradição Itaparica no Brasil Central;	45
2. O contexto heterogêneo da Gruta do Gentio II (MG).	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS: a. Tabela do panorama geral das publicações do IGPA;	63
b. Tabela de Seleção das pesquisas publicadas sobre a arqueologia do Cerrado.	64
c. Tabela temática com as contribuições da ciência por palavras-chaves.	68

INTRODUÇÃO

O Brasil possui mais de 37 mil sítios arqueológicos cadastrados e pelo menos 26 mil com autorização para o desenvolvimento de pesquisas (IPHAN 2024). Na região Centro-Oeste, onde predomina o bioma Cerrado, estão 4.084 sítios arqueológicos, dentre eles alguns que foram considerados como os mais antigos encontrados nas Américas, capazes de fornecer informações importantes sobre a trajetória e fixação das sociedades do passado no território brasileiro. Apesar do grande potencial arqueológico encontrado no Brasil, possuímos apenas doze cursos de graduação em arqueologia espalhados pelo país, todos com formação em bacharelado.



Figura 1: Mapa de localização dos Sítios Arqueológicos cadastrados pelo IPHAN. Fonte: <https://sicg.iphan.gov.br>

Os primeiros cursos criados foram iniciativas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Pernambuco, e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), iniciados em 2005 e 2006, respectivamente. Os programas de mestrado e doutorado em arqueologia são ainda mais restritos, limitando-se a sete universidades que oferecem título de mestre¹ e quatro universidades que oferecem título

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro (RJ), Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo (SP), Universidade Federal de Sergipe (UFS), em Laranjeiras (SE), Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina (PI), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife (PE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em São Raimundo Nonato (PI), Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), em Cachoeira (BA).

de doutor². Podemos entender a falta de um número significativo de universidades e programas dedicados à arqueologia no Brasil como um resultado do processo histórico de desenvolvimento e valorização dessa ciência no país. O estudo arqueológico nos currículos escolares e acadêmicos é ainda mais recente. Assim, o desenvolvimento de núcleos de estudo e a criação de veículos de divulgação científica brasileiros, em nível regional e nacional, se tornou necessário para contribuir a expandir saberes, mitigar desinformações e promover uma maior conscientização sobre a importância da arqueologia para a sociedade, encorajando a ampliação de centros para a formação de novos profissionais, a continuação das pesquisas e o possível acesso às salas de aula e ao grande público.

Preocupada com a divulgação sobre a arqueologia nas escolas, participei do projeto Museu do Cerrado como extensionista durante os anos de 2022 e 2024, através dos editais nº 02/2022 – PIBEX/DEX/DET/UNB e nº 01/2024 – PIBEX/DEX/DET/UNB. O Museu do Cerrado é uma iniciativa da Prof.^a Dra. Rosângela Corrêa, da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília. O museu é virtual e tem o objetivo de divulgar os conhecimentos científicos, os saberes e os fazeres dos povos indígenas e as comunidades tradicionais acerca da sociobiodiversidade do Sistema Biogeográfico do Cerrado. No museu encontramos os seguintes grandes temas: Arqueologia, Paleontologia, Eco-História Cerrado, Culturas, Biodiversidade, Agrobiodiversidade, Bioeconomia, Gastronomia, Turismo, Medicina, Arte, Educação, Espeleologia, Ameaças e Ações, através de exposições virtuais, conteúdos audiovisuais, publicações, materiais pedagógicos, obras artísticas, etc. O museu encontra-se no seguinte endereço: www.museucerrado.com.br.

A partir das ações desenvolvidas no Museu do Cerrado, eu defini que o tema desta monografia seria sobre a arqueologia desenvolvida no bioma Cerrado. Nosso objetivo geral foi compreender as perspectivas históricas da produção de pesquisas em arqueologia no Cerrado. Quanto aos objetivos específicos, foram eles: refletir sobre a atuação do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) para a divulgação científica na área da arqueologia; selecionar os artigos da Revista *Habitus* realizados dentro do bioma

2 Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo (SP), Universidade Federal de Sergipe (UFS), em Laranjeiras (SE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro (RJ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife (PE)

Cerrado; levantar os temas e locais de pesquisa no Cerrado divulgados na Revista *Habitus* desde o seu início em 1996 até 2023; e organizar os artigos relacionados a arqueologia no Cerrado publicados na Revista *Habitus* por áreas científicas de contribuição.

Nosso interesse será somente sobre as pesquisas realizadas dentro do Cerrado. Escolhemos analisar a Revista *Habitus* do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) justamente por centrar suas pesquisas na região do bioma. Inicialmente, o IGPA se restringia apenas às pesquisas arqueológicas e funcionava sob o nome de Gabinete de Arqueologia. Em 1972, dois anos após sua criação, o professor Altair Sales Barbosa, fundador do IGPA, sugeriu a transdisciplinaridade como princípio fundamental na construção da arqueologia brasileira. Ao estender sua atuação aos estudos da antropologia, museologia, paleoecologia, etnologia indígena e produção de documentários cinematográficos, transformou-se em Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vinculado à Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPE) da PUC-GO. Atualmente, o IGPA é responsável por coordenar e desenvolver o curso de graduação e os cursos de educação continuada em arqueologia da PUC-GO, além de atuar na área da extensão educacional, por intermédio do Centro Cultural Jesco Puttkamer.

Em 1984, com o compromisso de possibilitar a divulgação de pesquisas e descobertas desenvolvidas pelo IGPA, foi criada a Revista de Divulgação Científica, que tinha por objetivo a publicação de trabalhos de investigação científica e documentos em áreas afins. A revista tinha o intuito de unir e ampliar o alcance desses campos científicos presentes no seio da produção científica do Instituto e de convidados. A publicação foi aprovada pelo Projeto Editorial do IGPA, que estabeleceu uma política editorial conjunta com a antiga editora da Universidade Católica de Goiás (UCG). Em seu primeiro formato, a Revista de Divulgação Científica foi publicada em 1996 e 1998. Entre 1999 e 2004, não houve publicações. Do ano de 2005 ao ano de 2023, a publicação se transformou em Revista *Habitus* e passou a atuar como um ponto de encontro semestral³ para a divulgação científica das pesquisas do instituto e de outras

3 Com exceção das publicações de 2008, 2009 e 2010, que foram anuais.

instituições parceiras, por meio do portal <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/index>.

Esse novo formato de publicação representou um veículo essencial para o debate interdisciplinar e ampliação do alcance dos saberes sobre a arqueologia no Cerrado, pois nos ajudou na compreensão tanto dos contextos históricos em que se desenvolveu essa ciência no Brasil, como na observação do aumento, da diversificação de áreas de contribuição e da complexidade das pesquisas realizadas na região de Goiás. A *Habitus* é classificada como A2 pelo MEC/CAPES através do QUALIS, um conjunto de procedimentos utilizados para estratificação da qualidade e da produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros. A publicação mantém uma postura transdisciplinar que permeia as áreas temáticas da história, arqueologia, antropologia, ecologia e audiovisual. Ao todo, foram publicados 37 números da revista *Habitus* – 35 digitalizados e disponíveis ao acesso público⁴ e dois impressos, reservados em acervos como o da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE)⁵.

Para este trabalho, optamos por utilizar documentos da revista como artigos e dossiês que tivessem resumo em sua composição, além da palavra-chave “arqueologia”, deixando para outra oportunidade a análise de entrevistas⁶, documentos, conferências e demais temáticas ligadas à arqueologia. De todos os 335 trabalhos publicados pela revista, identificamos 151 estudos com tais características. A partir dessa primeira seleção, foi necessária uma segunda triagem, que possibilitou visualizar melhor nosso objeto de estudo, as pesquisas arqueológicas publicadas pelo IGPA sobre o Cerrado. Para localizar cada pesquisa no Cerrado, consideramos a divisão de biomas, proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Utilizando-nos do portal Cidades e Estados do IBGE, conseguimos identificar a que local cada uma das pesquisas publicadas se referia. Nessa seleção, priorizamos os trabalhos e temáticas anteriores ao século XV, porém consideramos também algumas pesquisas arqueológicas referentes à experiência de primeiro contato das sociedades indígenas do Cerrado e das pessoas da diáspora africana com colonizadores europeus. Dessa forma, chegamos ao

4 Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus>. Acesso em 05/06/2024.

5 A Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vol. 1, Goiânia: Ed. UCG, 1996., e a Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vol. 2, Goiânia: Ed. UCG, 1998., estão presentes no Acervo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE).

6 Apenas uma entrevista foi considerada para este trabalho: Por uma arqueologia não colonialista: Entrevista com Paulette Seteeves. Revista *Habitus*, Goiânia, vol. 21, n. 1, 2023.

número de 37 pesquisas que se aprofundaram na arqueologia do Cerrado como fonte primária de estudo⁷, deixando para outra oportunidade a análise de temáticas ligadas aos demais biomas do Brasil.

Em respeito à longa história⁸ das sociedades originárias do Brasil Central, em reconhecimento às encruzilhadas do saber acadêmico⁹, utilizando-se das publicações da revista e da historiografia brasileira, este trabalho pretende apresentar tanto a visão histórica do IGPA sobre a arqueologia no Cerrado, como destacar suas escolhas para a democratização do conhecimento arqueológico. Nesse intuito, no primeiro capítulo realizamos uma breve exposição da literatura sobre a arqueologia brasileira existente, os principais debates científicos em torno da arqueologia no Cerrado e da divulgação científica do IGPA. A continuação, o segundo capítulo descreve como foi o início dos estudos arqueológicos do IGPA sobre o Cerrado, além de dividir as pesquisas publicadas pela revista em áreas de contribuições temáticas, por meio de uma metodologia que envolveu descrever a localização de cada sítio, cada ciência afim, a narrativa histórica, o método arqueológico utilizado, os resultados obtidos pelo IGPA e contribuições de pesquisadores parceiros. Por fim, o terceiro capítulo selecionou os artigos considerados com alta especificidade sobre a experiência humana no Cerrado. Foram eles: nove artigos publicados sobre a presença de uma tradição humana específica do bioma, a Tradição Itaparica; e dois artigos sobre a identificação de, pelo menos, 10.000 anos de continuação ancestral, na Gruta do Gentio II, em Unaí, Minas Gerais (MG). Atualmente sou parte do Projeto Arqueologia e História Indígena no Brasil Central (PHIBRA), através do Edital nº 01/2024 – PIBEX/DEX/DET/UNB. O PHIBRA é um projeto recente de 2021 que promove a continuidade das pesquisas arqueológicas no formato sítio-escola na Gruta do Gentio II. O Núcleo de Arqueologia Indígena (NAI) do Centro

7 Foram admitidos trabalhos em locais considerados como ecótonos do cerrado com outro bioma, ambientes de transição entre florestas e savanas. Consultar o trabalho de Piperno, Dolores R., e Deborah M. Pearsall. *The silica bodies of tropical American grasses: morphology, taxonomy, and implications for grass systematics and fossil phytolith identification*. Smithsonian contributions to botany, 1998.

8 Segundo Brian Fagan e Janaína Marcoantonio, em *Uma breve história da arqueologia* (2019), durante o século XIX, a ideia moderna de evolução da humanidade mudou quando descobertas arqueológicas na África, nas Américas, na Ásia e na Oceania relevaram antiguidades muito mais antigas nestes continentes. Assim, a noção de uma longa história da humanidade foi criada. Utilizaremos o termo longa história nesse trabalho, pois compreendemos que, a partir da bibliografia utilizada (Fagan e Marcoantonio, 2019), essa poderia ser uma alternativa para substituir o conceito de “pré-história”.

9 Destaco a noção de encruzilhada proposta por Tássio Ferreira de que não existiria uma corrente apenas de pensamento que deve calcar o processo de ensinagem, mas múltiplas contribuições científicas e populares (2021, p.77).

de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e o Laboratório de Indigenismo e Etnologia Indígena (Linde) do Departamento de Antropologia (DAN), ambos da Universidade de Brasília, também participam dessa reabertura da escavação do sítio arqueológico.

CAPÍTULO I

1. Os contextos históricos do desenvolvimento da ciência arqueológica no Brasil

De acordo com a arqueóloga, Valerie Pinsky, em *Commentary: critical Role for the History of Archaeology*, para entender a configuração atual da disciplina arqueológica, é essencial realizar uma análise sobre sua história e sua prática (1989, p. 91). Nesse processo, o pesquisador da longa história da humanidade deveria detalhar as circunstâncias e os padrões de desenvolvimento do estudo arqueológico-que estão em constante mudança e associados a diferentes contextos históricos de cada local.

A arqueóloga Cristiana Barreto, em sua pesquisa *A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil* (1999), apresentou uma organização da bibliografia sobre as diversas tentativas de periodização da arqueologia brasileira, a exemplo das sínteses de Prous (1992), Mendonça de Souza (1992) e Funari (1999). A trajetória da arqueologia do IGPA se enquadrou entre as seguintes categorias propostas por esses organizadores do pensamento arqueológico:

O impulso inicial à institucionalização da pesquisa (1889-1961) aconteceu mediante o surgimento das primeiras entidades oficiais com pesquisa arqueológica no Brasil como o Museu Paulistano, o Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Emílio Goeldi (Barreto apud Souza, 1999). O Museu Nacional foi fundado em 1818, no Rio de Janeiro, por D. João VI. Ele representou uma das instituições que mais realizou sondagens exploratórias com a presença internacional, profissional e amadora. O Museu Paulista, fundado em 1895, inicialmente como Museu Paulistano, também desempenhou um papel crucial, reunindo e estudando artefatos indígenas e históricos no interior do país. Por sua vez, o Museu Emílio Goeldi, fundado em 1866 em Belém, Pará, foi importante para a pesquisa da biodiversidade e das culturas amazônicas. Essas instituições ajudaram a construir a base para a pesquisa arqueológica no Brasil.

No entanto, a comunidade científica no século XIX ainda não acreditava na presença humana na América do Sul há mais de 4.000 e 6.000 anos antes do presente (AP) (Barreto, apud Hrdlička, 1999). Há, como exemplo, o efeito da colonização brasileira sobre a construção de estudos científicos, que questionava até a humanidade e identidade dos povos indígenas, incentivava teorias bíblicas de povoamento das Américas e enfatizava a responsabilidade da igreja em tutelar esses grupos (Barreto,

apud Vasconcellos e Funari, 1999). A maioria dos objetos arqueológicos encontrados antes de 1889 foram levados para serem estudados fora do país, sendo frequentemente tratados como "tesouros coloniais". Esse fenômeno resultou em um afastamento técnico, artístico, político, geográfico e cultural das sociedades do passado brasileiro como responsáveis pela existência desses vestígios milenares em seus contextos originais.

Esse processo foi alimentado por narrativas históricas de época que provocaram a invisibilidade de grupos de populações indígenas, quilombolas (à respeito das pesquisas arqueológicas do período de colonização), comunidades tradicionais e camponeses do Brasil, seus saberes, suas habilidades, suas tecnologias, e que causaram sua pouca representatividade, deslocamento e/ou apagamento, em esferas acadêmicas. Segundo Souza (1992), tais pensamentos limitaram o investimento e o desenvolvimento de estudos, profissionais e de centros de pesquisas arqueológicas no, e sobre o território brasileiro, até o período formativo da pesquisa moderna (1950-1965). Esse momento foi caracterizado pela atuação de grandes amadores dedicados à arqueologia e pelo despertar das instituições oficiais (Prous, p.11, 1992), que procuravam realizar missões estrangeiras e criar centros de pesquisa arqueológica com a colaboração de profissionais convidados na formação de teorias e especialistas locais (Souza, apud Prous, 1999).

A partir da década de 1960, quando começa a formação da pesquisa recente (1965-1982), as instituições oficiais, associações científicas e suas narrativas históricas passaram a perder influência na produção do conhecimento, dando lugar às novas teorias que surgiam em universidades federais e núcleos de pesquisa brasileiros. Segundo Prous (p. 14, 1992) esse momento foi considerado como o multiplicar das instituições federais e centros de pesquisa em universidades, por tentativas de se planejarem grandes projetos de campo com propósitos amplos, necessitando da colaboração de várias áreas do saber. Há também uma tentativa malsucedida de unificar o vocabulário e os métodos. Outras preocupações interdisciplinares, como o estudo de estruturas arqueológicas, antropológicas, biológicas e ecológicas conduziam experiências mais qualitativas em dados (Prous, 1992, p. 15).

A formação da pesquisa recente foi nomeada por Souza como período das tendências atuais (1985-2003) (Souza, apud Funari, 1999). De acordo com a periodização debatida pela autora, a partir da década de 1980, as universidades recém-estabelecidas no Brasil assumiram um papel predominante na produção de conhecimento. Como uma tentativa de ampliar os métodos científicos presentes no

estudo da arqueologia brasileira, os órgãos governamentais decidiram multiplicar os centros de pesquisa interdisciplinares em arqueologia, paleoetnografia e paleoambiente, além de realizar a instalação de laboratórios interdisciplinares em São Paulo, Salvador e Belo Horizonte e a elaboração de quadros cronológicos (Prous, 1992, p. 15). Os estudos de arqueologia se modernizaram e passaram a incorporar novas abordagens teóricas e tecnologias, como o uso de datação por carbono-14.

A formalização das disciplinas acadêmicas modernas ocorreu durante o século XX. Esse processo levou à codificação de saberes e uma certa restrição de formas de expressão que por vezes resultaram em um compartilhamento limitado dos saberes e descobertas da arqueologia. A formação das comunidades científicas e o desenvolvimento de seus métodos de comunicação, troca e práticas, causaram um afastamento da ciência em relação as áreas afins e a sociedade em que existiam. Em 2017, o semiólogo Walter Mignolo, em seu trabalho *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*, explicou que esse processo também poderia ter conduzido a normas e hierarquias modernas que regulavam o acesso e a produção do conhecimento nas academias.

Em uma perspectiva recente da arqueologia, Nick Shepherd, Cristóbal Gnecco e Alejandro Haber, autores da obra *Arqueología y decolonialidad*, publicada em 2016, afirmaram que essa visão moderna semeou o desenvolvimento da arqueologia nos territórios que um dia foram colonizados de maneira exploratório, pois desde esse período até o século passado, a pesquisa arqueológica foi frequentemente eurocêntrica e desconsiderava outras culturas e suas contribuições. Os autores acreditavam na necessidade de construir uma conduta de estudo da arqueologia que buscasse sempre a troca de saberes respeitosa, plural e contínua entre historiadores, arqueólogos, demais ciências e sociedades. Nesse contexto, a atuação do IGPA e seu formato de divulgação científica poderia estar na direção contrária das lógicas tradicionais de construção do pensamento científico, porque incentivava o debate interdisciplinar, agindo como um potencializador da ampliação de áreas de contribuição e na democratização da construção dos saberes arqueológicos.

2. Os principais debates científicos em torno de uma arqueologia no Cerrado

A Teoria de Bering é uma das primeiras correntes científicas sobre o povoamento humano das Américas que foi amplamente estudada por instituições de

ensino regulares e pesquisadores do ensino superior, tanto em vestígios materiais, como em dados morfológicos e genéticos. Ela indica que a migração humana para o continente americano teria acontecido durante o fim do Último Período Glacial, ou Último Máximo Glacial, há, aproximadamente, 13.000 anos antes do presente (AP), quando o nível do mar baixou significativamente devido ao armazenamento de água nos grandes mantos de gelo, e isso produziu uma ligação terrestre temporária. Para além desse relativo consenso científico, é importante destacar que na arqueologia existem encruzilhadas do conhecimento¹⁰, ou seja, diferentes debates a respeito de práticas, teorias e saberes que envolvem o estudo da história e da antiguidade humana nas Américas, especialmente a respeito das rotas que levaram as sociedades originárias até a América do Sul e sua antiguidade, quando elas ocorreram, se foram contínuas, ou não.

A pesquisadora Niède Guidon publicou o trabalho *Geoparque Serra da Capivara: proposta (PI)* (2012), referente a identificação de 38 geossítios em uma área sobreposta ao Parque Nacional Serra da Capivara. O complexo da Serra da Capivara representa um espaço cultural do passado brasileiro que abriga a maior concentração de sítios com pinturas rupestres do mundo e que é mantido pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), desde 1967. Guidon, que também já publicou os resultados de suas pesquisas na Revista *Habitus*, afirmou que a discussão sobre a exclusiva passagem por Bering deveria estar totalmente superada, pois, baseando-se nos vestígios e datações encontradas por ela e sua equipe no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada (PI), foi possível obter uma crono-estratigrafia baseada em 63 datações de carbono-14, que indicaram uma ocupação contínua desde, pelo menos 60.000 anos AP, até 5.000 anos AP. Esses dados confirmariam uma história mais antiga da presença humana nas Américas que alcançaria 100.000 anos AP (Guidon e Buco, 2010).

De acordo com sua teoria, Guidon defendeu que uma grande seca na África levou ao recuo dos oceanos e à necessidade dos humanos de buscarem alimentos no mar. Os primeiros habitantes teriam seguido a via atlântica desde a África, circulado pelo litoral setentrional do Nordeste, subido o vale do Parnaíba, chegado à foz do rio Piauí e se estabelecido nas serras onde hoje está o Parque Nacional Serra da Capivara (Guidon, 2012, p. 507). Apesar de certa resistência da comunidade científica diante da teoria de Niède Guidon, ela desafia o consenso predominante na historiografia de que os

10 Destaco nesse momento o pensamento de Luis Rufino, em complemento a Tássio Ferreira, de que a produção de saberes sobre a cultura afro-brasileira é uma cultura de encruzilhada, múltiplas direções e caminhos, que podem ser relacionados à divindade Exu (2021, p.5).

primeiros habitantes das Américas só chegaram lá na América do Norte há cerca de 13 mil anos atrás, nos incentivando a continuar a busca por respostas. Guidon propõem que humanos poderiam ter chegado às Américas em ondas migratórias mais antigas e muito diferentes.

Em uma abordagem mais atual da arqueologia, as contribuições do arqueólogo e especialista em história indígena de longa duração na Amazônia e no Brasil Central, Francisco Pugliese, podem nos ajudar a entender melhor os domínios do Cerrado. O professor Pugliese atua como pesquisador do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, é docente assistente do Departamento de Antropologia da Universidade da Flórida e coordenador o Projeto Arqueologia e História Indígena no Brasil Central (PHIBRA) na Universidade de Brasília (UnB). No fim de junho de 2024, (24), o professor Fernando Pugliese concedeu uma entrevista para compor ensaio de aplicação para mestrado em antropologia social sobre Etnologia Indígena, Indigenismo e/ou Relações Interétnicas. Utilizaremos as contribuições dessa entrevista nesse trabalho.

Para o professor Francisco Pugliese, como Carl Sagan (2006) dizia, as teorias extraordinárias demandam evidências extraordinárias. Isso significa dizer que não temos ainda, em nenhum desses sítios super antigos, registros indiscutíveis com datas antigas que indicariam idades superiores a 100.000 anos AP, como múltiplos esqueletos humanos que possam confirmar que essas datações seriam completamente antropogênicas. Assim, na arqueologia, precisamos estudar com cuidado como o passado se manifesta no presente, ou seja, como que essas sociedades do passado ficaram registradas arqueologicamente e chegaram até nós na forma desses sítios que estudamos. Esse é o primeiro ponto para Pugliese, pois o registro precisa ser indiscutivelmente identificado.

O segundo ponto é que a ciência tem que ser marcada pelo seu papel social. Enquanto estudo científico, a produção de conhecimento sobre a arqueologia brasileira e a história de suas comunidades tradicionais não deveria jamais existir como forma de ensinar viver como no passado. O professor destacou que os povos indígenas e tradicionais estão vivos, estão lutando pelos suas direitos e territórios, portanto o papel da arqueologia é apenas isso: um ponto de conhecimento sobre aquilo que foi perdido em processos de genocídio, e outro ponto do que podemos resgatar de maneira respeitosa atualmente. Em 2007, Francisco Pugliese realizou um trabalho sobre os

líticos de Lagoa Santa, um estudo sobre organização tecnológica de sociedades pré-cerâmicas do Brasil Central. A pesquisa de Pugliese defendeu que no bioma Cerrado já existem datas ao redor e/ou superiores a 13.000 anos atrás na Gruta do Gentio II, município de Unaí, Minas Gerais.

Esse fato poderia sugerir datas mais antigas de início de ocupação do território brasileiro, nas áreas mais ao Norte no mapa, pois se a região dos ecótonos de Cerrado com a Caatinga já era ativamente ocupada por humanos nesse período, logicamente a Serra da Capivara poderia alcançar datas mais antigas para o seu início de ocupação. No entanto, para o pesquisador, as evidências indiscutíveis atuais, como as contribuições da área de osteologia humana da arqueologia brasileira, não poderiam ultrapassar mais de 15.000 anos AP. Esse fato não nos coloca há milhares de anos nesse continente, porém já contribui para a discussão do nosso trabalho, pois questiona a antiguidade que adotamos e como dividimos a história que conhecemos e ensinamos nas escolas e universidades.

Em 2023, a pesquisadora Paulette Seteeves, uma arqueóloga francesa conhecida por seu trabalho na área da arqueologia e da preservação do patrimônio cultural, com uma ênfase particular em estudos que envolvem a América Latina, o Brasil e a decolonialidade, foi entrevistada¹¹ para a 21ª edição da Revista *Habitus* sobre o *Protagonismo Indígena: natureza, cultura e território*. Para Seteeves, o que é considerado aceitável como evidência arqueológica, tanto antes quanto depois do Último Máximo Glacial, tem sido amplamente debatido e aceito em toda as Américas. Citando James Adovasio e Jake Page, a pesquisadora afirma que, na América do Sul, já temos todos os critérios científicos para evidências arqueológicas da ocupação pleistocênica (anterior a 12.000 anos AP), o que inclui artefatos ou vestígios osteológicos que sejam inequivocamente humanos, um contexto indiscutível como de associação estratigráfica direta, com vestígios faunísticos extintos no Pleistoceno, ou através de um controle rigoroso da cronologia, o que implica uma ampla utilização de métodos de datação complementares. Com isso, a cientista afirma que a rejeição do registro arqueológico que sugere a presença humana na América do Sul antes de 13.000 anos AP não se baseia em dados arqueológicos, mas está enraizada em racismo histórico e contínuo, em uma longa história bem documentada pela arqueologia mundial.

11 Luana Campos, Antonio Pérez-Balarez; Elton Rigotto; Hudson Jesus, Jorge Eremites de Oliveira, Marlene Castro Ossami de Moura, Marcos Paulo de Melo Ramos e Sibeli A. Viana, Entrevista com Paulette Seteeves. Revista *Habitus*, Goiânia, vol. 21, n. 1, 2023.

Seteaves afirma que a antiguidade sul-americana segue sendo uma questão multidisciplinar e de preocupação contínua, a respeito dos trabalhos de estudiosos e arqueólogos estadunidenses, como Tom Dillehay, Allan Bryan e Steve Holen.

Em consonância com os questionamentos realizados pelos cientistas, apresento brevemente alguns desvios na longa história do Cerrado, como as datações de 20.000 anos AP, descritas por Altair Sales Barbosa, em sua pesquisa *Andarilhos da Claridade: Os primeiros habitantes do Cerrado* (2002). Barbosa apresenta duas áreas de interesse no bioma. As datas mais antigas são para os sítios do Abrigo do Sol, entre 19.000 e 14.000 anos AP, e Santa Elina, entre 23.000 e 22.000 anos AP, ambos situados em Mato Grosso, com datas obtidas pelos estudos líticos (Barbosa, apud Miller, 2002) e (Barbosa, apud Vilhena-Vialou e Vialou, 2002). As ferramentas semelhantes encontradas nos sítios do Cerrado foram interpretadas como indicativos de culturas semelhantes em contextos ambientais semelhantes, mesmo que encontradas em locais diferentes (Barbosa, apud Meggers, 2002). O início do estudo arqueológico no bioma cerratense foi bem documentado pelo instituto e Revista *Habitus*.

3. A divulgação científica da arqueologia

Entre ciência e sociedade, a divulgação científica opera como um imperativo do mundo democrático, sendo sua ausência, e algumas de suas formas de realização, motivos de preocupação (Magalhães, 2014). No Brasil, o início das revistas de divulgação científica remontou ao final do século XIX e começo do século XX, quando surgiu a necessidade de tornar o conhecimento científico mais acessível ao público geral, devido às novas descobertas arqueológicas, os avanços tecnológicos, como rádio e periódicos, e a ampliação do número de universidades pelo país e pelo mundo, que se formalizavam como pontos de potenciais parcerias.

O linguista Carlos Alberto Voght, em seu trabalho *Um ensaio sobre divulgação científica*, apresentou a ideia de que a divulgação poderia revelar a existência de culturas científicas compostas por formas de expressão ligadas ao conhecimento coletivo. Em seu contexto, Voght se referiu à cultura literária, uma prática que sem o diálogo com o grande público, morreria. Penso que a história teria o mesmo destino caso se esquecesse dessa preocupação, e atingiria o que conhecemos como "torre de marfim". Essa imagem é uma metáfora usada para descrever uma abordagem da pesquisa histórica excessivamente isolada e desconexa das realidades plurais e das

questões sociais¹². A expressão se refere a um tipo de pesquisa ou pesquisador que permanece em sua esfera acadêmica isolada, sem considerar a relevância e as implicações mais amplas de suas descobertas para outras ciências, sociedade ou práticas históricas de fora do ambiente acadêmico.

O historiador Jörn Rüsen, em seu texto *¿Qué es la cultura histórica? Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*, defendeu que a cultura de produção do saber histórico pode ser fortemente sustentada por uma memória social, ensinada ou coletiva (Rüsen, 1994, p. 3-35). Pensando no conceito de *mémoire collective* de Maurice Halbwachs (1997), a manifestação da memória social é capaz de construir pontos de referência que estruturariam nossas lembranças e interesses, inserindo-os em uma coletividade a que pertencemos. Isso acontece, pois a construção de memórias pode parecer, mas não é, um fenômeno individual. Ela é profundamente influenciada e estruturada pelas dinâmicas sociais e culturais do grupo no qual o indivíduo coabita. Em essência, Halbwachs destaca que as lembranças individuais são em grande parte definidas e reforçadas pela memória coletiva do grupo, do meio, do local, refletindo a interdependência entre o indivíduo e o contexto social, na formação da memória histórica. Este trabalho se refere à educação em âmbito superior, no entanto, ele também gerou breves reflexões sobre a presença da arqueologia na educação básica.

4. A educação em arqueologia

No início da trajetória educacional de um indivíduo, o conteúdo ensinado em escolas, incluindo a forma como a história é apresentada e interpretada, pode moldar a percepção coletiva do passado. Atualmente, no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é responsável por estabelecer diretrizes e conteúdos mínimos que devem ser abordados nas escolas. Ela define os conhecimentos, competências e habilidades essenciais a serem desenvolvidos ao longo da educação. A BNCC não aborda o ensino da arqueologia como uma disciplina autônoma, pois a incorpora seus às áreas de história e geografia, através da compreensão dos eventos socioambientais que levaram à atual configuração das sociedades. No entanto, muitas vezes, os processos arqueológicos da experiência humana que são ensinados em sala de aula limitam-se a

12 O uso moderno da expressão *tour d'ivoire* foi feito primeiro por Charles Augustin Sainte-Beuve, autor francês de um poema de 1837, para caracterizar a postura poética elitista de Alfred de Vigny, em contraste com o engajamento social de Victor Hugo (Hendrickson, 1987, p. 281).

perspectivas de outros continentes. É possível notar equívocos na memória coletiva, como a ancestralidade humana ligada aos hominíneos Neandertal, do continente euroasiático, uma espécie diferente dos *homo sapiens*¹³.

Este trabalho realizou uma breve análise dos últimos Guias do Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Em 2008, encontramos uma tendência bastante atual. A maior parte das coleções inscritas abordavam conteúdos de organização curricular em uma perspectiva integrada da história¹⁴, que se pautavam na cronologia europeia, integrando-a, quando possível, a temas como a história brasileira, africana, indígena. Em 2011, o Guia PNLD informou que de 25 coleções didáticas avaliadas, 94% correspondiam à história integralista e 6% às histórias temáticas, eixos que problematizam as permanências e transformações temporais das sociedades do passado brasileiro, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997). Em 2018, esperava-se que o último Guia PNLD publicado questionasse as narrativas históricas tradicionais. No entanto, para o componente curricular da História, apenas 13 coleções foram aprovadas. Dentre elas, só três contemplavam a história do continente africano. A única sobre a longa história brasileira tinha o título pouco ético de: *História das Cavernas ao terceiro milênio*, de Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick.

Entendendo o ensino da história, podemos compreender como os assuntos relacionados a antiguidade do Brasil são aplicados em âmbito regional e nacional, a fim de compreender como essa organização curricular pode interferir na formação de uma arqueologia do Cerrado. No que concerne à essa característica integralista presente nos livros didáticos do Brasil, utilizaremos o trabalho de Rogério Lustosa Victor, *Narrar para esquecer: Livro Didático e Integralismo (1930)*. Victor afirmou que tal ferramenta didática utilizada na formação de indivíduos pela educação básica tem a função de propagar uma noção de passado mais compartilhada. O autor destacou a importância de voltar-se para história da educação dentro de qualquer pesquisa. Para Miceli, foi importante ressaltar que fora dos bancos escolares, e além do livro didático, são pouquíssimas as pessoas que podem aprender história no Brasil. A história veiculada

13 O livro didático e suas temáticas entram como objeto a universalizar um saber, corroborando a construção de uma percepção compartilhada do passado, isto porque ele atinge público vastíssimo, constituindo uma das primeiras vias pelas quais a linguagem da história é absorvida por qualquer um (Victor, apud Vesentini, 2009, p. 5)

14 O movimento integralista do estudo da história está absolutamente envolvido na temporalidade do “vencedor” e o que dela se desprende são os caminhos que culminam nos marcos da desigualdade da memória histórica coletiva (Victor, apud Da Matta, 2009, p. 3).

pelos livros didáticos é a que a maioria das pessoas podem ter acesso (Victor, apud Miceli, 2009, p.5).

O antropólogo Tássio Ferreira, em seu trabalho *Pedagogia da Circularidade: Ensinagens de Terreiro*, descreveu que essa postura educacional brasileira se refere ao conceito de “corpo-deslocado, corpo-distante, corpo-ausente, corpo-depósito”, a despeito de um discente que pode ser submetido, utilizado, ensinado a se distanciar de suas raízes, muitas vezes desqualificando os seus valores regionais e ancestrais no processo de hierarquia que a educação coletiva pode exercer. Nessa lógica, segundo Ferreira, deveríamos provocar as produções científicas de maneira epistemológica, do antipedagógico ao transdisciplinar, com o intuito de inverter uma lógica civilizacional ocidental do pensamento, levando nosso olhar a uma experiência local de construção de saberes. Essa perspectiva buscou assegurar a ideia de que todos precisam ser parte do processo de construção, divulgação, diálogo e continuação dos saberes. Os debates científicos sobre a antiguidade das sociedades do passado brasileiro não possuem espaço suficiente no ensino regular de história e geografia, alcançando apenas as esferas acadêmicas e a comunidade de áreas afins do conhecimento.

CAPÍTULO II

1. O início da pesquisa arqueológica do IGPA

Entre os séculos XX e XXI, a historiografia sobre o Cerrado indicou uma intensificação do desenvolvimento agrícola e a expansão econômica no bioma. Isso levou a transformação acelerada da paisagem por processos antrópicos, o que provocou a perda de muitos sítios arqueológicos antes mesmo que pudessem ser estudados de forma adequada. A necessidade de arqueologia de salvamento emergiu como uma resposta a essas ameaças e tinha a intenção de documentar e preservar o patrimônio ameaçado. Essa vertente era frequentemente limitada devido ao tempo, às demandas violentas e aos recursos restritos. Dela, surgiu a arqueologia de contrato, que refletia uma situação em que a preservação do patrimônio cultural era, muitas vezes, adaptada rapidamente às demandas de um desenvolvimento econômico ou empreendimento específico.

As primeiras pesquisas arqueológicas publicadas pela Revista de Divulgação Científica (1996) são sobre essas práticas, projetos de arqueologia de salvamento que começavam, geralmente, durante o desenvolvimento de construções e com investimento de grandes empresas, sem ter como foco inicial a identificação e pesquisa, mas sim o resgate de patrimônios arqueológicos. Nessa conduta, os pesquisadores eram provocados de surpresa e as pesquisas começavam sob ameaça de destruição direta do sítio arqueológico. Mesmo diante das dificuldades, os centros de pesquisa observaram nesses processos uma oportunidade de registrar as informações que seriam perdidas. Tais projetos de longa cobertura, desenvolvidos por instituições como o IGPA, realizaram uma série de procedimentos, começando com a realização de prospecções geográficas, arqueológicas e de referência, que ajudavam nos levantamentos sistemáticos e sondagens para localização dos sítios arqueológicos no Cerrado.

Devido à urgência de ser finalizado, alguns projetos perderam dados e vestígios. Com isso, a compreensão dos padrões de assentamentos dos antigos grupos humanos na região foi afetada. No Cerrado esses desafios foram exacerbados por características históricas da região, como a expansão agrícola, que aumentou a pressão sobre os sítios arqueológicos, que frequentemente eram descobertos durante atividades de queima e desmatamento que afetavam também as comunidades tradicionais que habitavam a região. Esses fatores tornaram a arqueologia no Cerrado desafiadora, exigindo

abordagens adaptativas e estratégias eficazes para garantir que o patrimônio cultural fosse adequadamente documentado e preservado pela comunidade científica ou não.

Os dois primeiros artigos publicados pela Revista de Divulgação Científica sobre o Cerrado foram a respeito de projetos de levantamento do potencial arqueológico em construções de usinas hidrelétricas. O primeiro trabalho foi a pesquisa *Levantamento Sistemático e Intensivo em Arqueologia: o caso da UHE Costa Rica (MS)* (1996), realizada pelo professor Paulo Jobim Campos Melo, e pelo professor convidado, Júlio de Rubin. Na busca rápida por identificar qualquer evidência de ocupação humana antiga, os pesquisadores propuseram uma comparação entre condutas de ações arqueológicas assistemáticas e sistemáticas feitas no sítio. Segundo Melo e Rubin, o fato de o levantamento sistemático indicar pelo menos um sítio arqueológico cerâmico filiado a Tradição Una, na margem direita do rio Sucuriú, já provou sua maior eficiência em relação às sondagens assistemáticas, que nada encontraram. Para os autores, os outros cinco sítios líticos encontrados no município de Paranaíba (MS), ligados à Tradição Itaparica, deveriam ter funcionado como argumento indiscutível para a paralização das obras da usina, o que não ocorreu. Notamos que mesmo com dados indiscutíveis de 10.000 anos AP, alguns empreendimentos seguiram suas construções (Melo e Rubin, 1996, p. 49).

O segundo trabalho publicado em 1996 recebeu o título de *Arte Rupestre no Projeto de Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Barra do Rio do Peixe* e foi desenvolvido pela professora e pesquisadora do IGPA, Mariza de Oliveira Barbosa. Esse artigo integrou um dos capítulos do relatório final do projeto coordenado pela pesquisadora Maira Barberi Ribeiro, executado pelo instituto, realizado em convênio entre a PUC-GO e uma empresa, a Engevix SA – Estudos e Projetos de Engenharia, no ano de 1988. Diante da possível perda dos registros, a metodologia empregada pelo IGPA para documentação da arte rupestre envolveu a reprodução dos painéis em plásticos transparentes e documentações de desenhos minuciosos. A descrição pormenorizada de cada sítio apresentou registros fotográficos, a confecção de plantas e perfis de localização de painéis e a descrição das figuras a partir de características estilísticas como forma, cor, conservação. A importância desse projeto residiu na proteção e preservação das informações do patrimônio cultural, mas a destruição dos achados era eminente em todas as descrições do material pesquisado. A construção de

uma usina hidrelétrica pode ter impactos significativos sobre os sítios arqueológicos, especialmente em áreas onde ocorre a inundação para formar a represa.

Dos 19 sítios arqueológicos encontrados, dez eram abrigos-sob-rocha, sendo que em nove deles apareciam os petróglifos e as pinturas rupestres (Barbosa, 1996, p. 56). Um dos sítios cadastrados (GO-CP-54) visitado pela equipe estava destruído por escavações aleatórias, executadas por amadores e curiosos, e por isso não foi plotado no mapa de localizações. A conservação dos petróglifos nos demais locais, em termos utilizados pela autora, era ruim. Foram encontradas figuras muitas vezes apagadas, desgastadas e fraturadas. As poucas pinturas que apareciam na área estavam mais conservadas do que os petróglifos. A técnica utilizada na execução dos petróglifos foi a raspagem (abrasão), sendo poucas as gravuras realizadas por picoteamento (pulsão). O fato de as figuras apresentarem bem caracterizado o material cerâmico, permitiu inferir que os petróglifos foram executados por grupos ceramistas da Tradição Uru, fase Itapirapuã, que ocuparam a área (Barbosa, 1996, p. 60).

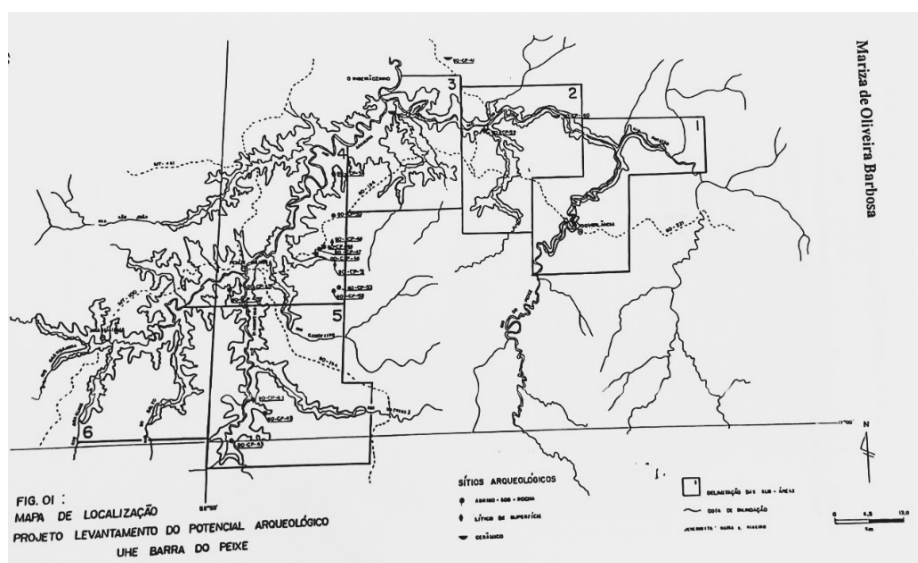


Figura 2: Mapa do projeto levantamento do potencial arqueológico UHE Barra do Peixe

Em 1998, Paulo Jobim Campos Mello, professor do IGPA, e Sibeli Aparecida Viana, pesquisadora convidada para participar do Projeto de Levantamento e Resgate da Área Diretamente Afetada (ADA) pela UHE-Corumbá (GO), publicaram, na segunda edição da então Revista de Divulgação Científica, o seguinte trabalho sobre o Cerrado: *A Situação da Arqueologia de Contrato na Região Centro-Oeste*. Nesse volume, foram divulgados dez artigos, entre eles oito eram dedicados ao Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural das áreas atingidas pela construção da UHE -

Corumbá, realizado no período entre 1992 e 1994, pelo IGPA. Essa pesquisa também foi realizada por contrato, em parceria firmada com a Furnas Centrais Elétricas. No entanto, mesmo que os resultados não tenham sido os esperados para a preservação da arqueologia local, esse trabalho identificou muitas contribuições importantes a serem ressaltadas; afinal, esses dados foram salvos antes da finalização da Usina Hidrelétrica Corumbá, localizada em Caldas Novas (GO).

Os autores trouxeram o debate sobre a arqueologia de contrato, afirmando que esta enfrentava preconceito de alguns pesquisadores que questionavam sua 'cientificidade'. Os autores defendiam que, nos Estados Unidos, tal discussão já ocorria há mais de 20 anos, levando à adoção do termo 'manejo de recursos culturais', que destacava a ideia de que o patrimônio cultural é irreparável, mas que devido as circunstâncias precisaria sofrer interferências. O objetivo da pesquisa era demonstrar que não existiam diferenças significativas entre a pesquisa 'acadêmica' e a 'de contrato' e que ambas podem coexistir e evoluir de maneira complementar e produtiva. No entanto, esse trabalho identificou grandes diferenças entre as pesquisas acadêmicas de levantamento sistemático e as de levantamento sistemático por contrato. As pesquisas de contrato são orientadas para atender requisitos legais e regulatórios de instituições, empresas, construtoras com rapidez, sob prazos e orçamentos privados, seguindo protocolos estabelecidos para mitigar impactos já feitos sobre o patrimônio cultural.

As pesquisas acadêmicas deveriam ser pensadas, minuciosas, a fim de sondarem áreas de potencial com maior precisão, buscando a proteção imediata do patrimônio arqueológico, construindo uma cronologia de trabalho de campo flexível e possuindo o intuito de identificar, preservar e não destruir. O pesquisador Marcos André Torres de Souza apresentou, em seu trabalho publicado pela Habitus, *Levantamento Arqueológico em Projetos de Larga Escala – a Experiência do Projeto UHE-Corumbá/Patrimônio Histórico* (1998), uma análise de preservação regional única, destinada a entender uma unidade analítica de questões recorrentes da historicidade humana ligada ao Cerrado. Durante o projeto, ele afirmou que os trabalhos de campo no Goiás só são bem conduzidos se tiverem projetos bem planejados. Souza afirmou que os projetos de levantamento do potencial arqueológico acadêmicos necessitam não só de apoio privado, mas de parcerias com entidades federais e financiamento público, muitas vezes escassos ou nenhum. Esses trabalhos não deveriam ser realizados apenas mediante contrato de grandes empreendimentos que solicitaram uma avaliação de risco, ~~eles~~

senão que deveriam começar com perguntas: O que é esse vestígio aqui? Qual é sua importância para a longa história? A partir desses questionamentos, seríamos capazes de identificar, avaliar, mapear, documentar e preservar o potencial arqueológico de uma área.

Propondo uma breve exposição das temáticas abordadas, o primeiro estudo arqueológico sobre os vestígios materiais foi a obra *Quantificação dos Vasos Cerâmicos - Contagem de Bordas x Cálculo de Áreas dos Fragmentos* (1998), de Paulo Jobim Campos Mello. O estudo cerâmico comparou dois métodos distintos a serem utilizados em áreas do Cerrado: a contagem de bordas e o cálculo das áreas dos fragmentos. Como exemplo, o autor utilizou o sítio GO-GA-21, já encontrado perturbado por atividades antrópicas e escavado durante os trabalhos de resgate na Área Diretamente Afetada (ADA) pelas UHE-Corumbá em 1995. Devido a urgência de obter resultados que contribuíssem para projeto de larga escala, a escavação foi feita de maneira amostral, escavando apenas 1% da área do sítio. A profundidade do material encontrado não ultrapassava os 15cm. Mesmo assim, foram coletados 871 fragmentos cerâmicos, sendo que 49 eram bordas e 28 puderam ser utilizados para reconstituição da forma das vasilhas. Foi observada a utilização de novas tecnologias interdisciplinares, como a utilização do programa geográfico *Systat*, para definir as áreas de concentração de material conforme croqui de Densidade de Material Cerâmico (Mello, 1998, p. 14). As contribuições do pesquisador envolveram a reunião de acervos que poderiam servir de referência para pesquisas futuras sobre as populações humanas do passado que habitaram esse local até 1.700 anos AP.

Sibeli Aparecida Viana e Paulo Jobim Campos Mello continuaram a análise detalhada sobre esses artefatos cerâmicos encontrados na área impactada pela construção da UHE Corumbá, publicado no artigo *Tipologia do Material Cerâmico Encontrado na Área Diretamente Afetada pela UHE - Corumbá – GO* (1998). O estudo classificou os fragmentos de acordo com suas características tipológicas, como formas, técnicas de fabricação e estilísticas. Na região do estudo—que abrangeu parte de Caldas Novas, Ipameri, Pires do Rio e Corumbaíba foram encontrados 18 sítios arqueológicos que se caracterizavam em assentamentos de sociedades humanas pré-cerâmicas. Mello analisou a eficácia e as limitações de cada abordagem de análise de cerâmicas, contribuindo para uma melhor compreensão e aplicação das técnicas de quantificação na arqueologia. Percebeu-se que a relação entre formas, atributos tecnológicos e funções

não era direta, uma vez que uma determinada atividade poderia ser executada por vasilhames diferentes, assim como um determinado vasilhame poderia realizar diferentes tarefas. Essa tipologia dos recipientes foi importante para refletir sobre os hábitos de uso, os restos alimentares associados e a variedade da cultura material existente nos sítios.

O trabalho de Laís Aparecida Machado e Heloisa Selma Fernandes, *Identidade Cultural e Memória - Objetos de Construção do Patrimônio Histórico* (1998), contribuiu para a compreensão das variações regionais e temporais na produção cerâmica, ajudando a contextualizar historicamente os achados dentro do quadro arqueológico mais amplo da área atingida pela Furnas – Centrais Elétricas. As autoras discutiram como artefatos arqueológicos eram parte do patrimônio cultural, ressaltando a importância desses objetos na reconstituição do passado e na formação da memória coletiva. Segundo Machado e Fernandes, pouco se fez em Goiás em termos de preservação dos símbolos de herança e ancestralidade.

Durante a década de 1970 e 1980, a arqueologia ficou restrita às universidades e permeava as práticas históricas e geográficas mantidas pelos *Estudos Sociais*, disciplina de especialização e educação da história integralista proposta pela Ditadura Militar, que prescrevia currículos euro-centrados a serem aplicados pelas Secretarias Estaduais e Municipais de diversas regiões do Brasil e pelas Universidades Federais na formação de profissionais e alunos. Os sítios arqueológicos eram administrados pelo Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás, criado através da Lei nº 5.290/64, sob a proteção do Governo do Estado, em atendimento às demandas dos governos da Ditadura. Segundo Machado, podemos observar que os interesses do ensino coletivo levaram aos temas de pesquisas e tombamentos realizados, pois a maioria foram relativos ao período da colonização mineradora (Machado, apud Guimarães, 1998) e monumentalização (Machado e Fernandes, apud Nora, 1998), processos históricos amplamente estudados pelas ciências e abordados pelos currículos da educação básica. Isso significa que os vestígios ligados à longa história não existiam e que não deveriam estar no ensino básico? A resposta provável é não. Como em outras partes do Brasil, faltava tempo, verbas, vontade política, programas de graduação e pós-graduação e recursos tecnológicos especializados para um trabalho arqueológico eficiente.

Qualquer leigo, ao percorrer a vastidão territorial de Goiás, é capaz de observar a destruição e o estado lamentável em que se encontram os sítios arqueológicos, as cidades históricas e monumentos que retratam épocas significativas de nossa história. A descontinuidade administrativa e a falta de consciência política interrompem trabalhos de preservação e compactuam com a destruição de valores culturais importantes. Também tradições, costumes, religiosidade popular e outros aspectos culturais vem sendo esquecidos, substituídos por valores mais “modernos” e “atualizados” (MACHADO e FERNANDES, 1998, p. 59).

Sobre a preservação do patrimônio, o trabalho do professor Marcos André Torres de Souza, *Levantamento Arqueológico em Projetos de Larga Escala - a Experiência do Projeto UHE Corumbá/Patrimônio Histórico* (1998), descreveu as metodologias utilizadas, os desafios enfrentados e as soluções encontradas durante a execução do projeto do IGPA que envolveu o resgate de uma grande área afetada e muitas informações perdidas pela construção da usina. O estudo forneceu uma visão abrangente da historiografia e das práticas de arqueologia em projetos de larga escala, destacando a importância de planejamento e gestão eficazes na preservação do patrimônio histórico. De acordo com Souza existiam duas tarefas básicas no levantamento probabilístico: localizar e estimar. Seu texto buscou reivindicar uma forma de encontrar sítios que permitisse a localização de todas as classes de evidências existentes em uma área para futuras pesquisas. Isso significa admitir as contribuições de uma postura interdisciplinar de estudo, que, dentro das possibilidades, mensurou, estimou e organizou dados, uma tarefa complexa e que exigiu dos pesquisadores esforços conjuntos para se familiarizarem com os procedimentos e obterem resultados mais consistentes.

A pesquisa arqueológica de regiões do Cerrado envolve a investigação de diferentes ciências para entender os níveis de realidades e complexidades sociais, compreendendo desde os sítios maiores e mais imponentes, até aquelas evidências discretas da atividade humana. A história dos povos ditos “vencidos”, “desprivilegiados” deve ter um tratamento adequado e não excludente, uma função da arqueologia histórica que não pode ser ignorada (SOUZA, 1998, p. 79).

Essa prática foi compreendida por Souza através do trabalho de Felipe Criado, *The Visibility of the Archeological Record and Interpretation of Social Reality* (1985). Criado denominou essa noção de “racionalidade espacial”, pois para ele a construção de diferentes realidades históricas e suas transformações deveriam ser associadas a uma experiência de temporalidade local/regional. Assim, o foco nos artefatos, tipologias e classificações como um fim em si mesmo foi considerado como antiquarismo e desacreditado. O levantamento arqueológico assumia, portanto, um papel importante,

pois poderia ajudar na compreensão dos processos culturais e realidades existentes na área de Corumbá (GO), o que foi muito além de uma simples preocupação em inventariar vestígios, somar sítios, salvá-los ou quantificá-los.

Como continuação desse debate sobre o levantamento de vestígios materiais, Heloisa Selma Fernandes Capel de Ataídes e Marcos André Torres de Souza desenvolveram a pesquisa *Cultura Material - uma Fonte Legítima? As Contribuições da História e da Arqueologia para o Debate* (1998). Eles analisaram como os artefatos materiais contribuíram para a construção do conhecimento histórico e arqueológico, questionando as formas de interpretação e as implicações das evidências para a compreensão do passado. A pesquisa integrou perspectivas da arqueologia à história, oferecendo um debate crítico sobre o papel da cultura material na construção do conhecimento sobre a ocupação humana de longa duração no Cerrado. Como resultado, percebeu-se que existem inúmeras possibilidades de análises sobre a cultura material, mas que ela nunca deveria ser dimensionada como “espelho do passado”. Nesse contexto, Ataídes e Souza propuseram que a cultura deveria ser usada para entender, no plano de hipóteses, um universo cujo conteúdo e forma diferem completamente da realidade social das sociedades originárias atuais. As habilidades e saberes, no entanto, poderiam permanecer. Daí a importância de considerar a multiplicidade de fontes e dados para a interpretação de processos históricos de construção da ciência arqueológica.

Uma outra área de contribuição abordada foi a geografia. A arqueóloga Eliane Lopes propôs dois trabalhos: *A Análise do Meio Biótico como Recurso ao Salvamento de Sítios Arqueológicos da Área Afetada pela UHE-Corumbá* (1998); e *a Paisagem no Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE-Corumbá* (1998). Na primeira pesquisa, foi realizado um estudo global dos recursos encontrados no bioma Cerrado, que constituiu na análise das ictiofaunas e das diferentes tipologias vegetais encontradas na área. Os resultados obtidos ofereceram informações acerca de recursos alimentares (pesca, frutos) e de manutenção (madeira, palha), empregados pelas populações humanas do passado que habitavam a região. Percebemos que a interação interdisciplinar com a botânica e zoologia permitiu evidenciar alguns possíveis hábitos alimentares ligados as sociedades que habitavam a área estudada.

Na segunda obra, Lopes analisou como as características ambientais da vegetação, geomorfologia e interação dos habitantes com o rio Corumbá, influenciaram

no processo de salvamento arqueológico proposto pelo IGPA. O trabalho forneceu um entendimento sobre as interações históricas entre o meio ambiente, os aspectos fluviais, as populações tradicionais do presente e os sítios arqueológicos encontrados. Segundo Lopes, o acesso ao rio era difícil e atividades de lazer e pesca não foram identificadas¹⁵. Isso poderia indicar a pouca relação da população residente de suas margens em relação ao rio Corumbá, o que levou a pesquisadora a considerar que talvez o rio tenha exercido um papel mais bloqueador do desenvolvimento pleistocênico humano da região, do que como agente valorizador da paisagem local. Mesmo assim, Lopes destacou a importância do rio e da consideração das análises paisagísticas como estratégia para o resgate e preservação do patrimônio arqueológico cultural brasileiro;

Por fim, destaco o trabalho *Geoarqueologia - Critérios Utilizados para a Caracterização das Encostas e dos Dados Obtidos no Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da ADA pela UHE-Corumbá* (1998), proposto pelo geólogo Júlio Cezar Rubin de Rubin e pelo historiador Jonas Israel de Sousa Melo. Esta pesquisa interdisciplinar visou elucidar os critérios empregados na caracterização das encostas do rio Corumbá, situadas na área de influência da Usina Hidrelétrica (UHE) Corumbá. Correlacionando esses critérios com os dados coletados nos sítios arqueológicos locais, o estudo destacou a relevância do campo da Geoarqueologia para a análise de dados arqueológicos. O objetivo final foi produzir um registro detalhado sobre os padrões de ocupação das encostas ao longo do vale do rio Corumbá por populações do passado. Para os autores, os resultados obtidos deveriam ser estudados apenas como referências, pois não prescrevem a complexidade de cada sítio (Rubin e Mello, 1998, p. 129).

Depois de uma pausa de sete anos, a Revista de Divulgação Científica foi nomeada *Habitus* e publicou seu terceiro volume em 2005. Nesse momento, as pesquisas do instituto refletiram um desabrochar mais intenso de outras contribuições de campos do saber afins, como botânica, palinologia, química, genética, etnoarqueologia, teoria arqueológica, preservação do patrimônio. A revista também passou a publicar textos não apenas em português, mas também em inglês, francês e espanhol, pois tinha como objetivo seguir o padrão de excelência dos principais periódicos brasileiros, além de promover um diálogo internacional. Com isso, percebemos uma maior diversificação

15 A pesquisa realizou entrevistas com prof. Bretas, Sr. Sebastião Gomes e Sr. Divino Gonçalves da Silva (Lopes, 1998, p. 118).

nas pesquisas, nas fontes utilizadas, nos formatos de divulgação adotados e nos resultados de alcance do público geral.

2. A interdisciplinaridade no seio temático da Revista Habitus

De 2005 em diante, nossa análise sobre as pesquisas arqueológicas no Cerrado se tornou um pouco mais densa, pois diversas áreas do conhecimento científico começaram a ser utilizadas como parte das temáticas, práticas de estudo e de divulgação científica sobre a arqueologia pelo IGPA. Começaremos pela área de contribuição da palinologia. Em 2006, a Revista Habitus publicou em seu volume três, sobre temas contemporâneos em arqueologia e antropologia. Ribeiro Souza Lima e Maira Barberi publicaram *Análise palinológica: fundamentos e perspectivas na pesquisa* (2006), onde exploraram como a análise do pólen poderia contribuir para a compreensão dos ambientes do Cerrado e das práticas humanas do passado. A pesquisa forneceu informações sobre a vegetação antiga, das paisagens geográficas e das mudanças ambientais ao longo do tempo. Lima e Barberi discutiram como as técnicas de amostragem e as metodologias analíticas utilizadas no bioma Cerrado poderiam ser integradas às pesquisas arqueológicas do instituto, a fim de ajudar na compreensão dos contextos históricos e ambientais estudados por seus pesquisadores. Os autores constataram que a palinologia deveria ser uma área mais considerada na construção de estudos sobre o Cerrado.

Outra área de contribuição presente na Habitus foi a botânica. Essa ciência estava presente no volume sete da Revista Habitus através do trabalho de Ernesto Camelo Castro e Nilson Clementino Ferreira, *Um Diagnóstico do padrão de paisagem com métricas dos remanescentes de vegetação em Goiânia* (2009). Castro e Ferreira empregaram métodos quantitativos que avaliaram a cobertura vegetal e os padrões espaciais botânicos dentro dos limites do Município de Goiânia (GO), oferecendo perspectivas sobre as alterações do uso do solo e se essas implicações ambientais poderiam ter sido antropogênicas. A análise da paisagem revelou preocupações significativas quanto à conservação dos sítios e do meio ambiente que tem sido negligenciada pelo planejamento urbano. Para eles, a legislação precisava ser mais rigorosa para os sítios na natureza, considerando que as atividades antrópicas nessas áreas são muito mais prejudiciais aos recursos naturais, sociedades tradicionais e processos ecológicos, do que os impactos geralmente encontrados em áreas urbanas.

Outra área de contribuição científica identificada foi a geoarqueologia. Esse tema foi discutido por Emília Mariko Kashimoto, por meio da pesquisa *Fontes arqueológicas que não fndam: a relevância do monitoramento arqueológico* (2015). Kashimoto destacou a importância da compreensão dos processos geomorfológicos e das dinâmicas ambientais no estudo de sítios arqueológicos da região hídrica da Bacia Platina setentrional. O estudo foi composto de contribuições para o monitoramento e documentação dos vestígios arqueológicos, a fim de garantir uma maior integridade das informações e da preservação dos contextos encontrados. Segundo Kashimoto, do cerrado às florestas, o meio ambiente desempenhou um papel significativo na ocupação do território brasileiro por populações do passado.

De acordo com Kashimoto, as pesquisas arqueológicas realizadas entre 2003 e 2014 identificaram 242 sítios arqueológicos na calha do rio Paraná e em seus afluentes. Destes, 43 foram escavados, resultando na coleta de mais de 100 mil peças arqueológicas e a datação de 193 amostras, revelando ocupações que datam de aproximadamente 7.400 a 250 anos A.P (Kashimoto, 2015, p. 47). O banco de dados da pesquisa ampliou o monitoramento arqueológico das margens dos três reservatórios do alto curso do rio Paraná entre 2004 e 2014. Os estudos e registros fotográficos da autora revelaram como a continuidade dos processos de erosão nas margens desses reservatórios geram impactos significativos sobre os sítios arqueológicos. Kashimoto e destacaram a importância de pesquisar as margens de reservatórios durante eventos de seca excepcional, como no campo de 2014, que revelou afloramentos humanos nesse local. Esses fenômenos de seca estão mais fortes atualmente devido à crise climática provocada por ações antrópicas, mas oferecem uma oportunidade para estudar a arqueologia pouco encontrada devido ao alagamento das áreas. A prática de monitoramento arqueológico desses tipos de reservatórios hidrelétricos se tornou essencial para garantir a continuação das pesquisas e das exigências legais de preservação do patrimônio arqueológico.

Destacamos também a importância dos registros líticos e cerâmicos para o entendimento de como as comunidades do passado se organizavam. Essas áreas correspondem às práticas da arqueologia, mas dialogam amplamente com as ciências correlatas, como a química, a sedimentologia, a traceologia. As ferramentas podem revelar informações sobre técnicas, habilidades de sofisticação e os padrões de intercâmbio entre diferentes grupos e locais. Em 2006, o trabalho de Sibeles Alves Viana,

Variabilidade Tecnológica em Sistema de Debitagem: Sítios Lito-Cerâmicos do Vale do Rio Manso (MT), foi publicado pela Revista *Habitus*. Baseando-se nas abordagens tecnológicas para líticos de Leroi-Gourhan (1985), com ênfase na identificação das cadeias operatórias, e de Boëda (1997) que ampliou esta questão ao considerar o aspecto evolutivo da tecnologia-tecnogênese, Viana compôs uma abordagem teórico-metodológico para estudar os sistemas de debitagem do Rio Manso (Viana, 2006, p. 800).

A débitage, ou debitagem de pedras, resultava na produção de ferramentas em lascas (flocos, lâminas ou lamelas) (Viana, apud Miller, 2006). Sua variabilidade tecnológica poderia fornecer informações sobre as populações do passado nessa área, como suas práticas tecnológicas, adaptações ao Cerrado, mudanças culturais e interações com outros povos e o meio ambiente. Segundo Viana, o método de estudo empregado para as indústrias líticas do Planalto Central fundamentou-se na construção de tipologias de peças interpretadas como instrumentos semelhantes em função de critérios morfológicos gerais (Viana, apud Fogaça, 2006), como os negativos de lascamento formados nas superfícies a partir das cadeias de operações. Um dos objetivos nesta pesquisa foi entender as intenções do artesão (Viana, apud Pelegrin, 2006) e tentavam contribuir para a compreensão do processo histórico-cultural das práticas de fabricação de ferramentas líticas da Tradição Itaparica para além da peça. Suas implicações poderiam ajudar na reconstrução das atividades, da organização social desses grupos e dos florescimentos heterogêneos na área.

Em 2011, outro trabalho litológico de Sibeli Viana foi *A Variabilidade e Persistência Tecnológica entre Instrumentos Líticos da Região Centro-Oeste*. Esse estudo comparou os diferentes tipos de instrumentos líticos encontrados no Cerrado e suas datações variadas, a fim de enriquecer os debates sobre os padrões de persistência e inovação tecnológica dessa área. Viana analisou como as tradições tecnológicas se mantiveram ou mudaram, oferecendo uma visão sobre a dinâmica cultural e as interações entre grupos humanos ao longo dos períodos estudados. Viana argumentou que a variabilidade estava ligada ao indivíduo, aquele que produz e detém o conhecimento para a produção. Em um contexto de produção lítica, foi fundamental distinguir os processos de obtenção, criação e execução da produção lítica. Essas distinções ajudaram a identificar restrições técnicas, como problemas na qualidade da matéria-prima ou no ato de execução do lascamento (Viana, apud Boëda, 2011, p. 284).

Para Viana, a variabilidade comportamental poderia refletir os múltiplos conhecimentos técnicos adquiridos pelo indivíduo, sendo crucial reconhecer que um comportamento técnico é uma obra humana sujeita a inúmeras variantes influenciadas por escolhas culturais e pessoais. A variabilidade das formas não indicaria necessariamente uma inovação tecnológica, mas sim uma variação resultante das características cognitivas e culturais dos produtores. Essa maneira de pensar a cultura material poderia nos ajudar a entender o debate da heterogeneidade de contextos arqueológicos ligados ao Cerrado, pois, nessa região, culturas plurais ligadas a tradições existentes do Brasil seguem apresentando desvios estilísticos locais de produção de artefatos no passado.

A cerâmica foi novamente objeto de estudo em 2023, a partir do trabalho de Juliana de Resende Machado, *Invertendo o Método: As Tradições Técnicas Cerâmicas da Cidade de Pedra/MT*, que propôs uma reavaliação das técnicas cerâmicas tradicionais, desafiando metodologias convencionais e oferecendo novas perspectivas sobre a produção e o uso dos artefatos cerâmicos, contendo análises sobre as datações, suas formas, estilos e técnicas de fabricação que forneceram dados sobre os hábitos alimentares, as tradições culturais e fluxo de mobilidade humana no Cerrado. O estudo destacou como as tradições se adaptaram ao longo do tempo aos recursos da paisagem, refletindo as mudanças ambientais e a heterogeneidade dos grupos sociais. Inseridos numa área de grande diversidade cultural, os abrigos da Cidade de Pedra têm tipos de cerâmicas variados. Essa mistura estaria presente em diferentes situações socioculturais de interação entre os produtores das culturas arqueológicas. O interesse da pesquisa foi reconstituir o intervalo entre 1.900 anos e 205 anos AP, buscando as distinções culturais de sepultamento e as relações estabelecidas entre os grupos antes e após a invasão colonial. Assim, Machado descreveu a circulação de objetos vindos do alto Paraguai ao Cerrado, que marcou o Holoceno da Cidade de Pedra, caracterizado pela sucessão gradual de diferentes grupos culturais.

Os dados publicados pela Revista *Habitus* não reconheceram apenas os objetos encontrados em si, mas tentaram construir um diálogo entre os desafios ambientais na preservação dos vestígios e na troca respeitosa entre pesquisadores e as comunidades tradicionais, às vezes ancestralmente conectadas aos achados. Em 2011, a pesquisa de Cristiana Barreto sobre *A Construção Social do Espaço: De Volta às Aldeias Circulares do Brasil Central* propôs a ideia de que a construção social de um espaço poderia

refletir as relações de migração, assentamentos e as práticas comunitárias dos grupos da região. O estudo ofereceu uma perspectiva etnoarqueológica que ligaria as estruturas espaciais dos povos indígenas amazônidas atuais com as práticas sociais e culturais dos habitantes do passado que criavam aldeias circulares no Cerrado há, pelo menos, 3.000 anos AP. Essa pesquisa foi fundamental para entender como as sociedades configuravam seus espaços no passado e como essas localizações poderiam ser interpretadas pela história.

As construções da história e da temporalidade podem ocorrer de maneira não discursiva, sendo materializadas através da cultura material, das performances rituais e do ambiente construído ao redor de uma habitação central (Barreto, 2011, p. 75). Barreto, ao revisitar as aldeias das tradições ceramistas Uru e Aratu do Brasil Central, ofereceu novas perspectivas para a atualidade. A rápida expansão e proliferação dessas aldeias circulares a partir do século VIII estava mais associada a práticas de demarcação e reconfiguração de amplos territórios do que a um crescimento populacional ou ao aumento da sedentarização devido à agricultura. A ausência de grandes estruturas construtivas nas aldeias do Brasil Central sugeriu que essas comunidades do Cerrado poderiam ser de curta permanência, diferenciando-se do sistema xinguano e das aldeias da Amazônia Central. Em conclusão, apesar das semelhanças formais entre as aldeias das tradições Uru e Aratu, as do Alto Xingu e as da Amazônia Central, a convergência foi dissolvida pelas evidências de dinâmicas temporais e contextos sociais distintos levantados por Barreto.

Outros contextos que geram reflexões contemporâneas foram os sepultamentos. O estudo dessas estruturas através de disciplinas correlatas ajuda a arqueologia com informações sobre práticas culturais de sepultamento antigas e contemporâneas de sociedades, a fim de oferecer comparações que poderiam iluminar significados de técnicas sepultamento, preparação e conservação do corpo que permaneceram contínuas. Em 2012, o décimo volume da Revista *Habitus* publicou dois números com a temática *Cemitérios e Morte*. No número 1, os pesquisadores Ana Solari, Andrei Isnardis e Vanessa Linke desenvolveram a pesquisa *Entre Cascas e Couros: Os Sepultamentos Secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais)*. O estudo ofereceu uma análise das práticas funerárias associadas aos sepultamentos encontrados em Diamantina (MG), caracterizando o uso de cascas e couros como distinções no processo de sepultamento local da Lapa do Caboclo. A pesquisa contribuiu com o

debate sobre como as práticas funerárias poderiam refletir fragmentos de crenças e ancestralidade dos grupos que ocuparam a região, ampliando o debate sobre as práticas de sepultamento das sociedades do passado e suas formas de continuação ou descontinuidades contemporâneas.

O último trabalho de contribuição arqueológica que permitiu uma reflexão passado-presente do Cerrado foi a pesquisa de Camila Azevedo Moraes Wichers, *Sobre a Musealização de Acervos Iny-Karajá: Desafios e Possibilidades para uma Prática Decolonial* (2019). Wichers discutiu as complexidades e as tensões associadas à preservação e à apresentação dos artefatos culturais Iny-Karajá em museus, destacando a necessidade de práticas que respeitem e integrem as perspectivas culturais dos povos indígenas. O estudo ofereceu uma análise crítica das práticas museológicas e sugeriu abordagens educacionais que poderiam melhorar a representação e a conservação dos acervos de uma forma mais respeitosa e inclusiva. Para a autora, a criação do Museu da Cultura Karajá Maurehi desafiou as normas ocidentais de museu, misturando-se com a cultura local de Aruanã, o que revelou um espaço que transcende fronteiras rígidas (Nunes e Lemos 2010; Wichers, 2019, p. 69).

A vitalidade do museu se manifestou na utilização de conhecimentos acadêmicos para institucionalizar o museu e gerenciar o acervo, além da intervenção museológica realizada com as mulheres da aldeia Bdè-Burè, município de Aruanã, Goiás (GO), em busca de construir práticas de colecionamento e musealização mais equitativas. Em uma abordagem multidisciplinar, as contribuições da museologia para a ciência arqueológica promoveram a partilha e a ressignificação constante das ideias de patrimônio e herança. A etnografia, como teoria, passou a ser vivida e desempenhou um papel crucial ao escutar, observar e transcrever o material estudado. As teorias arqueológicas formam abordagens que ajudam a contextualizar os processos históricos no âmbito de dinâmicas sociais, econômicas, ambientais e patrimoniais, oferecendo modelos para otimizar a compreensão da presença e ancestralidade das comunidades indígenas no Cerrado.

Em 2018, Marcus Wittmann examinou como a figura de Luzia foi utilizada para construir narrativas históricas na arqueologia brasileira, através de seu trabalho *Implodindo Luzia: Traçando a Construção de Raça, Etnicidade e Nacionalidade na Arqueologia Brasileira*. O estudo examinou controvérsias e debates em torno de Luzia, o homínido mais antigo encontrado no Brasil, traçando os diferentes locais, tempos, métodos e teorias pelas quais o crânio do Hominídeo I, da Lapa Vermelha IV,

passou. Além das descobertas arqueológicas, que sugeriram uma idade de 11.500 e 11 mil anos AP (Wittmann, apud Neves e Piló, 2018, p. 378). Wittmann debateu a construção da identidade brasileira de Luzia pela mídia, na década de 1990 e argumentou como o uso e a manutenção dessa imagem transformou a divulgação científica da arqueologia. Ao invés de contribuir para a construção coletiva plural da história do Brasil e do mundo, a pesquisa citou o resultado da construção coletiva desse saber a partir de uma reportagem do Fantástico, em 2014, em que vemos o rosto de Luzia fazendo uma transição para outros rostos, que por sua parte, transformavam-se em outros de diferentes cores e fisionomias; não havia nenhuma face indígena (Wittmann, 2018, p. 386). Ele finalizou o estudo apontando o distanciamento e invisibilidade das comunidades indígenas e o sucateamento da cultura e das instituições culturais e educativas no país como um todo, chama atenção a respeito do incêndio no Museu Nacional 2018 que quase destruiu o crânio de Luzia.

Em uma dinâmica mais recente, no volume 20 da *Habitus* em 2022, apareceu uma abordagem teórica sobre a *Valorização e Salvaguarda dos Saberes Ancestrais de Cura e Cuidado no Quilombo de Mata Cavalu*, de Lucimberg Camargo Dias e Edson Caetano. O estudo examinou a valorização e a preservação dos saberes ancestrais de cura e cuidado dos raizeiros e raizeiras do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalu, município de Nossa Senhora do Livramento, Cuiabá (MT), bem como a salvaguarda desses conhecimentos na contribuição do fortalecimento da cultura local e sua resistência cultural. Apesar de estar fora da cronologia intencionada por esse trabalho, essa pesquisa ofereceu uma perspectiva etnoarqueológica e histórica sobre a importância dos saberes tradicionais na vida comunitária e como esses conhecimentos poderiam ser transmitidos e mantidos ao longo das gerações. Os saberes tradicionais são comumente descartados como contribuições arqueológicas. No entanto, como parte da história oral, os padrões de transmissão e habilidades de transmissão do conhecimento coletivo podem ser indicadores de padrões de assentamento, métodos de produção, rotas de mobilidade.

Para Dias e Caetano, os conhecimentos sobre plantas e ervas medicinais foram originalmente derivados da observação da natureza e transmitidos por lideranças indígenas, quilombolas, raizeiras e raizeiros, garrafeiras e garrafeiros, e benzedoras e benzedores. Esses saberes foram amplamente apropriados pela ciência apenas para a indústria farmacêutica e no desenvolvimento de medicamentos. Assim, o conhecimento

que é mantido e compartilhado de forma gratuita por seus praticantes, perdia seu valor ancestral para científicas econômicas. Dias e Caetano afirmam que a inclusão desses conhecimentos no currículo universitário e escolar poderia ser a solução para o combate de práticas exploratórias e preconceituosas que desqualificavam a antiguidade do Brasil e a medicina popular. Na atualidade, a preservação desses registros do passado é crucial para promover uma educação mais inclusiva e respeitosa. A instituição desses locais de saberes tradicionais como parte do patrimônio brasileiro promove a valorização e a proteção dos sítios arqueológicos, garantindo que novas pesquisas sejam conduzidas e as existentes sejam continuadas de maneira respeitosa entre profissionais, meio ambiente e sociedades locais.

Em 2011, foi publicado o trabalho de Dilamar Candida Martins, sobre *A Gestão do Patrimônio Arqueológico na Arqueologia do Licenciamento Ambiental*. A abordagem da pesquisa compreendeu um sítio histórico e um pertencente à longa história, anterior à colonização, ambos localizados na bacia do Paranaíba, nos rios Corumbá e Verde, respectivamente nos municípios de Luziânia e Caçu (GO), no âmbito das usinas hidrelétricas Corumbá III e Salto do Rio Verdinho (Martins, 2011, p. 144). Nessa pesquisa, Martins analisou como o licenciamento ambiental, que instituiu o termo Arqueologia Preventiva (Portaria IPHAN 230, de 17 de dezembro de 2002), impactou na prática da arqueologia brasileira e na preservação do patrimônio, abordando os desafios e as oportunidades associados à essa conduta nos processos de gestão do patrimônio arqueológico no Cerrado.

Martins expressou suas preocupações sobre o crescimento da Arqueologia Preventiva em detrimento da pesquisa acadêmica básica na Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), refletindo uma crise nas relações entre pesquisadores, gestores patrimoniais e a iniciativa privada. Embora essas tensões tenham sido em grande parte resolvidas, para Martins, a partir destas surgiram novas questões, especialmente em relação à gestão do patrimônio arqueológico. Para enfrentar esses desafios, ela afirmou que a formulação de políticas públicas específicas para a arqueologia era o primeiro passo; ela julgou como inadequada todas as leis existentes até 2011.

Ainda sobre as temáticas do patrimônio que abrangem o processo de licenciamento ambiental para práticas arqueológicas, em 2012, a *Habitus* publicou no volume 10, sobre Cemitérios e Mortes, o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores Rafael de Abreu, Márcia Lika Hattori e Patrícia Fisher, *Ossos do Ofício: Cemitérios*,

Licenciamento Ambiental e Prática Arqueológica em Arraias, Tocantins. O estudo analisou os desafios específicos enfrentados pelos arqueólogos ao trabalhar com cemitérios em projetos de licenciamento ambiental, incluindo questões éticas e práticas relacionadas à escavação e à preservação dos restos humanos e do meio ambiente. Embora os cemitérios sejam considerados sítios arqueológicos a serem protegidos desde a legislação de 1961, nem todos os cemitérios se enquadram nessa categoria de licenciamento ambiental. A questão colocada pelos autores é: como atuar fora desta classificação? Em quais circunstâncias os cemitérios são considerados de interesse arqueológico? A Portaria do IPHAN é suficiente para tais casos? A equipe responsável adotou práticas teórico-metodológicas específicas para lidar com potenciais conflitos surgidos durante o licenciamento dos empreendimentos no Cemitério da Fazendinha, no município de Arraias, estado do Tocantins.

Apesar das intervenções massivas realizadas, não foi possível descobrir novos remanescentes esqueléticos. Para os cemitérios (Urubu, Canabrava e Boa Esperança) localizados e georreferenciados ao redor do empreendimento, foram requisitados serviços de limpeza e sinalização para prevenir interferências e garantir o acesso para os interessados (Abreu, Hattori, Fisher, 2012, p. 216). No caso do Cemitério da Fazendinha, destacou-se os desafios diante da pressão de uma política desenvolvimentista agressiva. Problemas como a eficácia da legislação arqueológica, a ética na interação com comunidades e a proteção de sítios arqueológicos foram ressaltados. A legislação de 1961, incluindo a Portaria IPHAN, e o Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira não ofereciam respostas claras para essas situações, o que, aliado à subestimação do componente antrópico nos diagnósticos ambientais, agravava os conflitos entre desenvolvimento e preservação. A falta de reconhecimento da dimensão social, antiga e sagrada em estudos de impacto para empreendimentos, impedia uma convivência harmoniosa entre interesses econômicos e comunidades.

No trabalho *Gestão do Patrimônio Arqueológico no Centro-Oeste: Contribuições para a Rede de Museus e Acervos de Arqueologia e Etnologia (REMAEE)* (2013), Manuelina Maria Duarte Cândido e Luzia Antônia de Paula Silva exploraram como a criação e a organização de um mapa contribuiu para a conservação e a divulgação científica de museus e acervos arqueológicos e etnológicos da região. Cândido e Silva detalharam as iniciativas de uma construção local da REMAEE e seus

objetivos foram delineados a partir da elaboração de um mapa atualizado das instituições museológicas e congêneres (núcleos, laboratórios e centros de pesquisa). Como resultado, Cândido e Silva organizaram a proposta em um quadro regional dos acervos arqueológicos do Centro-Oeste, a fim de fomentar o desenvolvimento de ferramentas de diagnóstico em instituições, a implementação de sistemas de formação superior, a busca de meios para a divulgação de informações que permitam a ampla disponibilização dos dados científicos e a proposição de planos de ação que considerassem as diversas realidades museológicas e arqueológicas do Brasil.

O último artigo considerado como contribuição para a arqueologia no Cerrado também é sobre a preservação do patrimônio arqueológico de Goiás. O volume 19 da revista trazia como temática *Os bens culturais frente a mudança climática* e incluiu o trabalho de Diego Teixeira Mendes, Tatyana Beltrão de Oliveira, Natália Dutra Costa e Manuelina Maria Duarte Cândido, *Retomando a Primeira Coleção Arqueológica do Museu Antropológico/UFG, o Sítio Cachoeira (GO-CA-01) e Algumas Histórias Adormecidas* (2009). Esse estudo continuou a análise da primeira coleção arqueológica do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, coletada durante o curso ministrado por Igor Chmyz, em 1972, que tinha como objetivo a reunião de informações para a formação continuada de pesquisadores em arqueologia para o referido museu. O foco da pesquisa foi investigar aspectos da história da arqueologia no estado de Goiás e as práticas arqueológicas realizadas durante as etapas de campo no sítio arqueológico Cachoeira (GO-CA-01), situado no município de Orizona (GO). Além disso, os pesquisadores analisaram as práticas de interação entre população e arqueólogos como grande potencial de contribuição para compreender as características da estratigrafia onde foram encontrados. Essas informações sobre encontros casuais com peças arqueológicas antigas refletiram o abandono e a interferência antrópica, conceitos mencionados pelos autores para descrever a situação atual dos acervos arqueológicos em Goiás.

CAPÍTULO III

1. As pesquisas sobre a Tradição Itaparica no Brasil Central

Retornando ao trabalho de Altair Sales Barbosa (2002), o último capítulo deste trabalho destaca dois momentos da longa história do Cerrado publicados pela Revista *Habitus*, como grandes pontos de interesse de pesquisa para o IGPA. O primeiro permeou a Tradição Itaparica e suas fases. A segunda seleção foi sobre a Gruta do Gentio II, em Unaí, Minas Gerais (MG), que proporcionou uma oportunidade de observar como os diferentes grupos sociais viveram em épocas diferentes e interagiram com o mesmo espaço através de possíveis gerações. Esse diálogo orientou nosso processo de escolha de estudos sobre o Cerrado, incentivando a musealização social desses vestígios (Chagas e Gouveia, 2014) como possível solução para ampliação da educação, da divulgação científica e da gestão das coleções reunidas por pesquisadores de épocas e práticas arqueológicas anteriores. Essa pesquisa tentou garantir que as abordagens temáticas escolhidas fossem sensíveis e respeitosas aos atuais habitantes indígenas dessas regiões. De acordo com Chagas e Gouveia, essas pessoas poderiam ser possíveis ancestrais diretos das sociedades do passado. Com isso, é necessária a construção de narrativas históricas conjuntas, que busquem à ampliação do acesso às informações científicas do bioma.

Nos capítulos anteriores, foi possível perceber que o Cerrado tem sido habitado e influenciado por diversas culturas e sociedades, de temporalidades não-lineares, cada uma deixando sua marca na paisagem e na longa história do bioma. Podemos identificar a presença da Tradição Itaparica em diversas áreas do Cerrado, por exemplo, principalmente através da bibliografia existente sobre o grande número de peças líticas consideradas semelhantes, espalhadas entre os sítios arqueológicos de área aberta e em grutas do Planalto Central (Barbosa, 2002, p. 315). A historiografia dividiu essa tradição em fases, pois, na região foram encontradas datas diferentes em um mesmo local. Utilizando-se de métodos de escavação que permitiam observar e analisar as estratigrafias locais, os arqueólogos brasileiros formaram equipes multidisciplinares para entender como a química, a forma, os padrões de coloração de cada solo, entre outros, podiam destacar o contexto ou a época que cada vestígio foi feito.

Por ser uma revista de divulgação científica de uma universidade localizada no estado de Goiás, esse trabalho observou um grande interesse da Habitus sobre a região em que se encontra, o Brasil Central. Uma área de destaque seria o complexo arqueológico de Serranópolis, no estado de Goiás, onde predomina o bioma Cerrado. Composto por diversas estruturas e artefatos, o complexo possui vestígios de ocupações humanas da Tradição Itaparica, suas três fases, bem como os traços de outras tradições, como a Tradição Aratu e seu florescimento Uru no Goiás e no Mato Grosso. O IGPA opera como centro de estudo e contribui não apenas para a compreensão da história de longa duração das sociedades originárias ali, mas também como meio de divulgação de saberes científicos sobre elas, de como ocorreram as transformações dessas populações e quais locais pertenciam a essa longa história. Nove pesquisas foram associadas à Tradição Itaparica a partir das seguintes características: a localização deveria ser no bioma do Cerrado ou em seus ecótonos; sua especificidade arqueológica deveria refletir estudos sobre a tradição (consideramos as análises paleoambientais, as teorias, as descrições líticas, as avaliações de cerâmicas, construção de acervos e preservação do patrimônio); suas idades arqueológicas deveriam ser sobre períodos entre 13.000 anos AP a 1.700 anos AP.

Dessa forma, começamos nossa análise com a obra *A Pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-histórico do Planalto Central do Brasil* (2006), do arqueólogo Antoine Lourdeau, publicada no volume quatro da revista, com assuntos considerados como contemporâneos em arqueologia e antropologia. Lourdeau afirmou que toda ciência que se interessasse pelo povoamento de longa duração da América do Sul concordaria com o fato de que nela persistem amplas zonas de questionamento. Ele propôs uma breve síntese dos conhecimentos atuais sobre a história de longa duração da região e apresentou hipóteses histórico-culturais para explicar essa sequência única encontrada no complexo arqueológico de Serranópolis. Utilizando-se das contribuições de Ab'Saber (1977) para a geoarqueologia, Lourdeau apresentou suas reflexões arqueológicas sobre o Cerrado inicialmente por meio dos trabalhos de Schmitz na região que estabeleciam uma cronologia arqueológica de referência para todas as peças líticas encontradas no Planalto Central.

Essa sequência foi dividida em três fases:

- 1) As fases pré-cerâmicas: Paranaíba (datada por Lourdeau entre 11.000 e 8.500 anos AP e determinada em Serranópolis (GO) por meio da presença de numerosos instrumentos unifaciais no conjunto lítico ligado à Tradição Itaparica;
- 2) Serranópolis: datada entre 8.500 e 6.500 anos AP através de sua indústria característica com ausência das peças padronizadas e desaparecimento dos unifaces, observada em todo o Planalto Central;
- 3) fase cerâmica: a Fase Jataí que corresponde a uma ocupação de povos horticultores e ceramistas entre 950 e 1.700 anos AP.

As pesquisas publicadas indicaram que a Fase Serranópolis não se ajustava ao esquema tipológico da Fase Paranaíba, e, portanto, poderiam até pertencer a uma tradição ainda não definida.

Em 2006, foi publicado o trabalho *É possível perceber evolução no material lítico lascado? O exemplo das indústrias encontradas no Vale do Rio Manso (MT)*, do arqueólogo Paulo Jobim de Campos Mello. Campos Mello. Ele realizou suas pesquisas em outra área do Cerrado, em cinco sítios arqueológicos a céu aberto, no vale do Rio Manso (MT). Foram encontrados vestígios líticos que permitiram evidenciar a existência de cadeias de produção de instrumentos ligadas à Tradição Itaparica. Mello considera que no estudo da história de longa duração, a maior parte dos esforços também foram dedicados à construção de quadros crono-espaciais por meio de similaridades tipológicas dos vestígios materiais. Mello afirmou que isso se deve ao foco dos estudos e à concentração do interesse em artefatos “guias”, instrumentos líticos retocados, presentes em determinados estratos, que poderiam ser utilizados para reconhecer e ordenar as sucessões de fácies industriais e culturais espalhadas pelo Planalto Central. Para o professor Mello, tal abordagem parecia facilitar a percepção das mudanças culturais ao longo do tempo, porém ele afirmou que a maioria dos estudos sobre as indústrias líticas que se limitaram apenas a essa descrição reduziram a possibilidade de uma interpretação mais ampla das atividades técnicas relacionadas aos vestígios.

Em outras palavras, a metodologia utilizada para analisar os aspectos que precederam a produção dos artefatos, como as estratégias de obtenção da matéria-prima, os métodos de lascamento e retoque que não visavam exclusivamente a padronização

das formas, tem sido pouco explorada na interpretação desses vestígios (Mello, apud Fogaça, 2006). Mello descreveu como as indústrias líticas do Cerrado representam um material científico ainda subexplorado e restrito a uma abordagem estritamente tipológica e, portanto, estática, que se concentra apenas no material retocado (Mello, apud Schmitz 2006). Ficou evidente que na região de Serranópolis há uma ruptura entre a fase Paranaíba e as demais fases identificadas, como Serranópolis e Una, mas essas rupturas, por exemplo, não se manifestavam apenas na tipologia do material lítico, e que poderiam ser encontradas em outros indicadores, como em restos alimentares identificados (Mello, 2011, p. 742).

No primeiro semestre de 2011, a temática da Revista foi *Múltiplas Abordagens e Interdisciplinaridade da Arqueologia*, com contribuições ligadas à arqueologia, ao paleoambiente, à geoarqueologia fluvial, às transformações da paisagem e à relação entre sítios de sociedades do passado no Cerrado. O artigo *Arqueologia e Paleoambiente em Áreas de Cerrado* (2011) de Julio Cezar Rubin de Rubin, Maira Barberi, Rosiclér da Silva, Antonio Saad, Gabriele Garcia e Caroline Lemos, faz uma reflexão sobre o estado das pesquisas arqueológicas no estado de Goiás e uma crítica à baixa frequência com que os dados paleoambientais foram considerados e utilizados; apontando essa conduta como um erro. Segundo os autores, a historiografia brasileira descreveu que as pesquisas arqueológicas preferiram utilizar as narrativas histórico-culturais pertencentes a uma bibliografia antiga da ciência, por vezes deslocadas territorialmente. Segundo Rubin, Barberi, Silva, Saad, Garcia e Lemos, os contextos geoarqueológicos são muito significativos, uma vez que podem inserir novas questões cronológicas. Eles incentivaram a utilização de abordagens multidisciplinares para sua compreensão, o que retomava temas pouco explorados pela ciência e apresentava o uso de novas teorias e metodologias para o desenvolvimento de pesquisas e formação de especialistas.

O trabalho *Reflexões sobre as Primeiras Populações do Brasil Central: Tradição Itaparica* (2011), de Maria Jacqueline Rodet, Déborah Duarte Talim e Luis Felipe Barri, que tinha como objetivo analisar as diferentes definições, limites e questões arqueológicas associadas ao que foi denominado como Tradição Itaparica pela historiografia. A partir de um extenso levantamento bibliográfico e da análise de estudos de caso em diversos contextos do Brasil Central, os autores organizaram as abordagens de diferentes contribuições das ciências sobre esse período histórico, oferecendo uma

nova perspectiva sobre o passado ligado à Tradição Itaparica. Rodet, Talim e Barri concluíram que, embora a tradição parecesse bem localizada espacial e cronologicamente, sua definição histórico-cultural continuava a ser pouco estabelecida e que merecia atenção das instituições de pesquisa sobre as múltiplas sociedades que poderiam ter habitado o Cerrado.

As questões tecnológicas e as divergências sobre a homogeneidade dessa tradição foram tão significativas que, por vezes, sua própria existência foi questionada pela historiografia tradicional. Rodet, Talim e Barri consideram que os estudos sobre a transição do Pleistoceno para o Holoceno no Brasil Central possuem, na verdade, uma heterogeneidade significativa na variedade de produção de instrumentos, em termos do elevado nível de *savoir-faire* (Talim e Barri, apud Pelegrin, 2011), contrastando com a ideia de homogeneidade desses grupos. Eles chamam a atenção para o fato de que poderíamos debater tanto a existência de uma macrorregião, a qual pertence os domínios morfoclimáticos específicos do Cerrado e seus ecótonos, a respeito das formações de Caatinga e Amazônia (Ab'Saber, 1977), como a possibilidade de condição regional de assentamento humano diferente para cada afloramento lítico.

O trabalho da arqueóloga Sibeli Viana, intitulado *Instrumentos Fora de seus Contextos de Produção-Instrumentos Líticos Plano-Convexos provenientes de sítios lito-cerâmicos do Estado de Mato Grosso* (2011) baseou-se nas concepções epistemológicas sobre a evolução tecnológica de objetos classificados como *lesmas* (Viana, apud Simondon e Boëda, 2011). Viana seguiu uma linha de discussão sobre a presença de instrumentos lascados semelhantes e apresentou também os argumentos tecnológicos que nos levaram a considerar esses instrumentos como alheios ao sistema tecnológico de lascamento dos grupos que ocuparam os sítios lito-cerâmicos do Rio Manso. Originalmente, esse último grupo confeccionou os demais instrumentos encontrados no sítio. Notou-se, por exemplo, uma seleção cuidadosa de determinadas morfologias de matéria para a confecção de artefatos por essas populações, remetendo à ideia de saber proposta por Talim e Barri (apud Pelegrin, 2011).

Em 2011, Judas Tadeu N. Nóbrega, Rosiclér T. da Silva, Viviane Martins de M. Nóbrega e Kátia Karina V. de Oliveira, publicaram o artigo *Primeiros Povos do Bioma Cerrado no Brasil Central e Biologia Molecular*, que teve por objetivo apresentar informações preliminares sobre os métodos de extração de DNA dos primeiros povos do bioma Cerrado, com base em pesquisas realizadas no Mestrado em Genética da PUC-

Goiás. A partir da análise de ossos humanos exumados de sítios arqueológicos estudados pela historiografia e estabeleceu um protocolo para a extração e quantificação do DNA humano nos Planalto Central, o que permitiu a realização de análises genéticas subsequentes. Paralelamente aos estudos arqueológicos, a Genética tem sido excepcional desde seu início, sendo potencialmente grande colaboradora científica da arqueologia. Os resultados evidenciaram que é possível a extração de DNA de ossos antigos no Brasil e a continuidade destes procedimentos depende da criação de novos laboratórios. A prática diária de especialistas e contribuições interdisciplinares podem transformar os conhecimentos sobre genética e ancestralidade, contribuindo com as discussões da arqueologia sobre as migrações e expansões dos primeiros povos do Cerrado do Brasil Central (Rubin et al. 2011, p. 139).

O município de Serranópolis (GO) também foi estudado pelo arqueólogo Ricardo Augusto Silva Nogueira, em seu trabalho *Arqueologia da paisagem, Serranópolis na interpretação dos espaços sociais* (2015) que trouxe uma reflexão sobre a relação entre o ambiente natural, ambiente social e arqueologia. Utilizando abordagens teóricas da geografia e da arqueologia, Nogueira considerou a arte rupestre do município goiano como importante para o entendimento das ocupações históricas que possibilitaram a sobrevivência dos grupos humanos por mais de 11.000 anos na paisagem local. Nogueira buscou perceber a constante transformação da paisagem provocada pela adaptação humana ao clima e aos recursos naturais disponíveis no Planalto Central Brasileiro. Essa adaptação configurou a paisagem como um espaço de interesse humano e contribuiu para a construção das relações sociais na região.

Para Nogueira, o sítio arqueológico de Serranópolis apresentou características singulares, incluindo uma ocupação contínua de 11.000 anos que abrangeu aproximadamente 550 gerações humanas. Os primeiros resultados concluíram que as pinturas e gravuras nas rochas da região tinham a finalidade de comunicação e expressão das expectativas do período em que foram criadas. As figuras retratavam por vezes elementos da vida cotidiana e, embora seja impossível acessar completamente a intencionalidade dos criadores dessas figuras, Nogueira debateu a possibilidade de transmissão de algo. Ele descreveu que as interações com o meio ambiente têm uma relação direta com os elementos representados nas pinturas de Serranópolis, pois na região observaram-se categorias de representações como figuras zoomórficas, mamíferos, répteis (tartarugas e tatus), aves (emas, seriemas e araras), peixes e figuras

geométricas, em formas de círculos, retângulos, losangos e elipses, predominantemente lineares e raramente preenchidas (Nogueira, 2015, p. 94).

Resgatando a ideia de macrorregião proposta por Rodet, Talim e Barri, o último trabalho que identifiquei em relação com a Tradição Itaparica foi a pesquisa de Andrei Isnardis, *Onde está o foco? os artefatos plano-convexos recentes da região de Diamantina (Minas Gerais) e a comparação de contextos arqueológicos* (2023). Nesse artigo, foram apresentadas as características dos artefatos plano-convexos de Diamantina e o contexto em que estão inseridos. Tal contexto abrangia aspectos específicos sobre os padrões da indústria lítica à qual foram encontrados, bem como outros elementos do registro arqueológico, com os quais foram associados, aos plano-convexos da Tradição Itaparica, baseando-se na bibliografia que descreve e discute esses artefatos. A intenção do autor foi apresentar esse debate heterogêneo e o contexto diamantinense, para então poder refletir com o que e como podemos comparar as indústrias líticas brasileiras.

Isnardis observou uma tendência universalmente conservadora em relação às tecnologias que diferiram da bibliografia tradicional. Essa tendência se manifestava na expectativa de uma estabilidade das tecnologias ao longo do tempo, assim como na resistência à mudança e na inclinação para a normatividade das descobertas (Isnardis, 2023, p. 225). Ao revisar a literatura mais clássica da arqueologia brasileira, o professor Isnardis constatou que as tecnologias encontradas foram reduzidas a apenas alguns de seus múltiplos aspectos, como os retoques. Como visto em outras pesquisas publicadas pela Habitus, muitas coleções de materiais cerâmicos e líticos foram assumidas, sem uma discussão explícita, tendendo à homogeneidade e à especialização. Esse entendimento vem sendo associado à concepção de uma história cultural estática, que excluiu os contextos arqueológicos heterogêneos encontrados, como no caso de Diamantina (MG).

1. O contexto heterogêneo da Gruta do Gentio II (MG)

Outra experiência singular da longa história do Cerrado refere-se às escavações da Gruta do Gentio II, localizada no município de Unaí, em Minas Gerais. Em 2011, os resíduos litológicos foram identificados e estudados através da pesquisa de Beatriz Ramos da Costa, intitulada *Outro Tempo, o Mesmo Espaço: resíduos litológicos do Gentio II*, publicada no volume quatro da Revista Habitus. Os dados resultantes foram

analisados por meio de métodos tradicionais, de estatística e similaridade estilística na distribuição espacial. Mesmo assim, os resultados revelaram uma ruptura de padrão entre os registros das camadas datadas do Holoceno inicial e sugeriram algumas continuidades nos registros mais recentes, abrangendo novos horizontes de teorias arqueológicas brasileiras sobre as sociedades humanas pré-ceramistas e as ceramistas/horticultoras. A Gruta do Gentio II proporcionou uma oportunidade singular de estudar os diferentes grupos sociais que ocuparam e interagiram com o mesmo espaço durante a longa história do Cerrado.

Tabela 1: Dados gerais sobre estratigrafia da Gruta do Gentio II.

Ocupação	Subdivisões	Datação	Observação	Horizonte
Camada IV	Sem divisão	10.190 ±120 AP (SI 6837).	Apenas uma datação.	Caçador-coletor
Camada III	Sem divisão	Entre 9.040±70 AP (BETA 3520) e 8.595±215 AP (SI 5077).	Ao todo cinco datações, sendo as demais intermediárias.	Caçador-coletor
Camada II	II Inferior II Média II Superior	Entre 8.125 ±120 (SI 2373) e 7.295 ±150 (SI 2372).	Ao todo quatro datações, sendo que as outras duas apresentaram mais de oito mil anos.	Caçador-coletor
Camada I	I Inferior I Superior	Entre 3.490 ±120 AP (SI 2327) e 410 ±60 AP (SI 2836).	É a mais abundante em vestígios culturais. Para ela foram obtidas oito datações, sendo seis delas com idade superior a mil anos.	Horticultor/ Ceramista

Nota: adaptado de Bird, Dias Junior e Carvalho (1991).

Figura 3: Tabela adaptada por Beatriz Ramos da Costa. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), 2011.

A metodologia de levantamento de dados proposta por Beatriz Costa abrangeu os resíduos e refugos da indústria lítica, bem como o calcário relacionado aos desmoronamentos das paredes e do teto da gruta, identificados pela triagem tecnológica de campo, realizada pela pesquisadora Dra. Rosângela Menezes. Os materiais foram classificados de acordo com o tipo litológico, medidos em termos de quantidade e peso. Com base nesses dados, foram conduzidos testes estatísticos para avaliar a distribuição espacial dos materiais e analisar a escolha e utilização das matérias-primas.

Os resultados de Costa (2011) identificaram mudanças e continuidades que se alinhavam cronologicamente com as contribuições de Rodet, Talim e Barri (2011). Para ela, embora a técnica de análise da distribuição espacial tenha sido frequentemente aplicada a contextos em que a espacialidade deveria ser evidente que devemos investigar primeiro como as sociedades do passado percebiam e organizavam o espaço durante o Pleistoceno e o Holoceno. As análises estatísticas realizadas nesse estudo forneceram uma visão aprofundada dos dados, revelando tanto semelhanças quanto

discrepâncias que não seriam evidentes em uma análise direta dos dados brutos. Tais análises são essenciais para a arqueologia, pois permitem um entendimento mais qualitativo das informações. As ferramentas analíticas empregadas destacaram uma mudança significativa na forma de entender e ocupar o espaço entre diferentes grupos sociais. A partir de aproximadamente 9.000 AP, os dados indicaram uma mudança gradual na estruturação conceitual, ao invés de rupturas abruptas. Os resultados demonstraram continuidades entre os horizontes humanos, apesar do intervalo milenar entre as ocupações. A análise dos diferentes grupos ao longo do tempo revelou padrões coerentes e conclusivos sobre as transformações e permanências na ocupação do espaço. Para uma compreensão mais completa, foi benéfico comparar esses dados com outra análise espacial e estatística, de um outro período da gruta. Tal abordagem elucidou melhor as nuances dos processos de mudança e continuidade identificados nesse sítio.

O último trabalho que analisamos foi proposto por Glaucia Malerba Sene, *A infância do gênero: A visibilidade das crianças na pré-história do norte de Minas Gerais* (2018). Partindo da premissa de que a construção de gênero se desenvolveu ao longo do tempo, Sene descreveu como crucial para entender o percurso humano, a infância. Seu estudo visou analisar a relação entre gênero, idade, socialização e como essa construção ocorre desde a infância, utilizando como referência analítica os contextos funerários de crianças da Gruta do Gentio II, em Minas Gerais. O foco não foi apenas bioarqueológico e buscou adotar uma perspectiva dialética e transdisciplinar que integrou contribuições da antropologia e da história.

Do ponto de vista da bioarqueologia, Glaucia Sene propôs o uso dos estágios de desenvolvimento e crescimento como referência em estudos de gênero, uma vez que esses estágios estão associados às potenciais causas de morte infantil. O estudo de remanescentes ósseos e dentários de crianças e adolescentes merecem maior atenção, pois investigações detalhadas sobre a anatomia dos indivíduos podem indicar traumas, doenças, detalhes sobre a nutrição, além de gerarem o aprimoramento das técnicas de determinação de sexo e idade. Nesse contexto, Sene afirma que estudar crianças arqueologicamente é um desafio inerentemente interdisciplinar (Sene, apud Baxter, 2018).

Na Gruta do Gentio II (MG), uma abordagem interdisciplinar foi importante, tanto para analisar os registros osteológicos encontrados, como para compreender aspectos ligados à cultura material e imaterial das sociedades que habitaram o local. Os

contextos funerários encontrados por Sene poderiam revelar informações importantes, uma vez que a corporalidade é um espaço tanto individual quanto coletivo, social e natural. Como enfatizado por Viveiros de Castro (1996, p. 131), “o corpo humano é o instrumento fundamental de expressão do sujeito e ao mesmo tempo o objeto por excelência, aquilo que se dá a ver a outrem”.

Sene afirmou que tal pensamento funcionou como um código capaz de refletir a estrutura social, expressando a identidade e o papel dos indivíduos dentro dela. Nesse contexto arqueológico, a análise de objetos associados às crianças revelou aspectos significativos sobre a construção da identidade de gênero, divisão do trabalho e a presença das práticas culturais. Os objetos, como o Tembetá e o arco, foram analisados para entender seu papel na vida e na morte das crianças, refletindo a dinâmica de gênero e a construção da identidade. Através desses artefatos, Sene conseguiu compreender como parte da identidade infantil era moldada e expressada através da materialidade, evidenciando a importância de incluir a infância nas discussões da arqueologia e da longa história do Cerrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo geral foi compreender as perspectivas históricas da produção de pesquisas em arqueologia no Cerrado. A falta de um número significativo de universidades e programas dedicados à arqueologia no Brasil apontou uma lacuna histórica no desenvolvimento e valorização da ciência no país. Esse contexto foi elucidado pela bibliografia da arqueologia brasileira que analisamos e pela Revista *Habitus*, que nos permitiu compreender em quais períodos históricos a ciência arqueológica sobre o Cerrado se desenvolveu no Goiás. Quanto aos objetivos específicos, esse trabalho acompanhou a atuação do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) para a divulgação científica na área da arqueologia. Compreendemos que o IGPA acompanhou o aumento e a complexidade das pesquisas realizadas na região de Goiás, por meio da atuação de pesquisadores que, diante das modificações socioeconômicas das paisagens, tentavam resgatar as informações com iminência de perda em seus trabalhos. Conseguimos levantar os temas e locais de pesquisa no Cerrado divulgados na Revista *Habitus* desde o seu início em 1996 até 2023 e organizamos os artigos relacionados a arqueologia no Cerrado publicados na Revista *Habitus* por áreas científicas de contribuição.

A análise dos textos da revista revelou um panorama da evolução e do impacto das pesquisas arqueológicas na região, refletindo as dificuldades e os avanços enfrentados pelos pesquisadores. Nesse cenário, percebemos que as escolhas educacionais do IGPA ampliaram o alcance da divulgação científica, em contraponto ao modelo de formação das disciplinas do século XX. Isso significa dizer que, mais do que outras áreas do conhecimento, a arqueologia vem recorrendo à interdisciplinaridade há um bom tempo. A conduta do Instituto refletiu esse debate. O enfoque multidisciplinar foi percebido por esse trabalho como um potencializador da democratização dos saberes arqueológicos em Goiás, ampliando o acesso às diversas áreas de contribuição da ciência para a construção do conhecimento.

Nossa pesquisa também notou uma oportunidade: devido ao portal de acesso público, as pesquisas do IGPA que acompanharam os contextos antigos e modernos da ciência arqueológica, poderiam ser uma ferramenta didática a ser utilizada pela educação, pelos currículos universitários, pelas instituições de proteção do meio ambiente e pelas sociedades no Brasil.

Este trabalho também abordou os debates científicos sobre o registro arqueológico que sugere a presença humana no Cerrado antes de 13.000 anos AP. A partir das pesquisas desenvolvidas pelo IGPA, entendemos que a rejeição desse fato não se baseia apenas em dados arqueológicos e que esse debate está longe de ser ter um fim. Embora essa cronologia não altere muito as datações aceitas pela comunidade científica sobre o Brasil, ela questiona a antiguidade atual adotada pelo ensino no país. Esse fato já transformaria a forma como dividimos a história conhecida e ensinada nas escolas e universidades, trazendo à tona discussões importantes sobre a antiguidade do povoamento das Américas e a construção do ensino dessa longa história.

No que se refere aos artigos da Revista *Habitus* realizados dentro do bioma Cerrado e as práticas de arqueologia de salvamento presentes na Revista *Habitus*, este trabalho encontrou desafios significativos, como a perda de dados e vestígios devido à urgência dos prazos. Essas dificuldades afetaram a compreensão dos padrões de assentamentos dos antigos grupos humanos na região do Cerrado. Ainda que a pesquisa possa enfrentar riscos e resultados não esperados para a preservação da arqueologia local, ela ainda possui importância para as contribuições arqueológicas feitas com base nos dados salvos antes da conclusão dos empreendimentos econômicos. O levantamento arqueológico deve ir além da simples escavação, inventário e salvação de vestígios, a fim de ajudar a compreender os processos culturais e realidades do passado do Cerrado. No que tange às abordagens homogêneas, que pareciam facilitar a percepção dos estudos sobre as mudanças culturais ao longo do tempo, percebemos que as pesquisas do IGPA descreveram essa ação como limitante, pois apenas a essa descrição reduziria a possibilidade de uma interpretação mais ampla das atividades técnicas relacionadas aos vestígios.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) poderia desempenhar um papel crucial na resolução das preocupações relacionadas à conservação dos vestígios arqueológicos, especialmente nas áreas arqueológicas frequentemente negligenciadas pelo contexto urbano. Para abordar essa questão de maneira eficaz, é essencial que o IPHAN e as instituições de ensino em arqueologia desenvolvam pesquisas que não só preservem o patrimônio cultural, mas também garantam a proteção dos interesses e o correto estudo dos ecossistemas associados. Mais universidades do país, como a Universidade de Brasília, poderiam incluir departamentos e editais com diretrizes específicas que contemplassem a ciência e a pesquisa

arqueológica. A presença da arqueologia no ensino da história da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) poderia ajudar a mitigar desinformações sobre os riscos e impactos ambientais das intervenções antrópicas em sítios arqueológicos, ajudando na conscientização coletiva. Esta pesquisa conseguiu observar uma necessidade de colaboração entre instituições de ensino, órgãos governamentais e ambientais, a fim de assegurar a implementação de práticas mais sustentáveis de construção do saber arqueológico.

Conseguimos perceber que a arqueologia no Cerrado se apresenta como um campo desafiador, exigindo abordagens adaptativas e estratégias eficazes para garantir a adequada documentação e preservação do patrimônio, tanto pela comunidade científica quanto fora dela. Com isso, como sugestão de conduta para as pesquisas arqueológicas no Cerrado, utilizo a contribuição da museologia social. A aplicação dessa ciência serve para reunião de esforços. Em uma perspectiva epistemológica plural dos processos de colecionamento de vestígios materiais e imateriais das sociedades que habitaram o Cerrado, essa prática ainda é rara. Portanto, a criação de mais coleções de referências nacionais por instituições como IGPA, que muitas vezes enfrentam um descaso, "silêncio" ou um "acúmulo" de objetos de estudo em outros continentes, poderia funcionar como prática alternativa na continuação dos estudos no Brasil. Nessa noção de conduta, áreas do conhecimento diversas, como exemplo as contribuições de saberes tradicionais, formariam um diálogo intercultural genuíno com a construção da arqueologia contemporânea.

Por fim, esta pesquisa organizou os artigos publicados em tabelas de contribuição¹⁶. Foram elas: tabela do panorama geral das publicações; tabela de seleção das pesquisas publicadas sobre a arqueologia do Cerrado; e tabela temática de contribuições das ciências por palavras-chaves.

Ao término dessa pesquisa, iremos enviar a seleção de artigos sobre a arqueologia do Cerrado da Revista *Habitus* para o site do Museu do Cerrado. Destacamos a importância da divulgação científica para a formação do conhecimento arqueológico coletivo, não limitando-se ao caráter acadêmico do periódico e buscando sempre seu acesso ao grande público.

16 Consultar o anexo 1 deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

1. Revista de Divulgação Científica, 1996 e 1998.
2. Revista Habitus, 2005 a 2023.

ARTIGOS

1. ABREU, Rafael; HATTORI, Márcia Lika; FISCHER, Patrícia. Ossos do Ofício: cemitérios, licenciamento ambiental e prática arqueológica em Arraias, Tocantins. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2012, p. 215-240.
2. ATAÍDES, Heloísa.; SOUZA, Marcos. Cultura Material - uma Fonte Legítima? As Contribuições da História e da Arqueologia para o Debate. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
3. BARBORA, Mariza. A arte Rupestre no Projeto de Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Barra do Rio do Peixe. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1996.
4. BARRETO, Cristiana. A construção social do espaço: de volta às aldeias circulares do Brasil Central. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 61-80.
5. CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte.; SILVA, Luzia Antônia de Paula. Gestão do patrimônio arqueológico no centro-oeste: contribuições para a Rede de Museus e Acervos de Arqueologia e Etnologia (REMAEE). In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2015, p. 132-140.
6. ABREU, Rafael; HATTORI, Márcia Lika; FISCHER, Patrícia. Ossos do Ofício: cemitérios, licenciamento ambiental e prática arqueológica em Arraias, Tocantins. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2012, p. 215-240.
7. COSTA, Beatriz Ramos. Outro Tempo, o Mesmo Espaço: resíduos litológicos do gentio II. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 259-268.
8. DANTAS, Cristiane Loriza. O Caminho que Leva ao Corrente: o sítio arqueológico histórico cachoeira do corrente. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2010, p. 165-186.
9. DIAS, Lucimberg Camargo; CAETANO, Edson. Valorização e salvaguarda dos saberes ancestrais de cura e cuidado no Quilombo de Mata Cavalo. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2022, p. 45-54.
10. ISNARDIS, Andrei. Onde está o foco? Os artefatos plano-convexos recentes da região de Diamantina (Minas Gerais) e a comparação de contextos arqueológicos. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2023, p. 223-253.

11. KASHIMOTO, Emília Mariko. Fontes arqueológicas que não findam: a relevância do monitoramento arqueológico. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2015, p. 31-50.
12. LIMA-RIBEIRO, Matheus; BARBIERI, Maira. Análise palinológica: fundamentos e perspectivas na pesquisa arqueológica. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2005, p. 261-290.
13. LOPES, Eliane. A Paisagem no Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE-Corumbá. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
14. LOPES, Eliane. Análise do Meio Biótico como Recurso ao Salvamento de Sítios Arqueológicos da Área Afetada pela UHE-Corumbá. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
15. LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2006, p. 985-710.
16. MACHADO, Juliana De Resende. Invertendo o método: as tradições técnicas cerâmicas da cidade de Pedra/MT. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2023, p. 478-510.
17. MACHADO, Laís.; ATAÍDES, Heloísa. Identidade Cultural e Memória - Objetos de Construção do Patrimônio Histórico. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
18. MARTINS, Dilamar Candida. A Gestão do Patrimônio Arqueológico na Arqueologia do Licenciamento Ambiental. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 143-167.
19. MELLO, Paulo J. C. Mello; e RUBIN, Julio C. R. Levantamento Sistemático e Intensivo em Arqueologia: o Caso da UHE Costa Rica (MS). In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1996.
20. MELLO, Paulo J. C. Quantificação dos Vasos Cerâmicos - Contagem de Bordas x Cálculo de Áreas dos Fragmentos. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
21. MELLO, Paulo J. C.; e VIANA, Sibebe A. A Situação da Arqueologia de Contato na Região Centro-Oeste. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
22. MELLO, Paulo J. C.; e VIANA, Sibebe A. Tipologia do Material Cerâmico Encontrado na Área Diretamente Afetada pela UHE-Corumbá (GO). In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
23. MELLO, Paulo Jobim de Campos. É possível perceber evolução no material lítico lascado? O exemplo das indústrias encontradas no Vale do Rio Manso (MT). In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2006, p. 739-770.

24. MENDES, Diego Teixeira, et al. Retomando a primeira coleção arqueológica do Museu Antropológico/UFG, o Sítio Cachoeira (GO-CA-01) e algumas histórias adormecidas. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2019, p. 125-150.
25. NÓBREGA, Judas Tadeu N., et al. Primeiros Povos do Bioma Cerrado no Brasil Central e Biologia Molecular. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 133-142.
26. NOGUEIRA, Ricardo Augusto Silva. Arqueologia da paisagem, Serranópolis na interpretação dos espaços sociais. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2015, p. 89-112.
27. RODET, Maria Jacqueline; TALIM, Déborah Duarte; BARRI, Luis Felipe. Reflexões sobre as Primeiras Populações do Brasil Central: Tradição Itaparica. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 81-100.
28. RUBIN, Júlio C. R.; MELO, Jonas. Geoarqueologia - Critérios Utilizados para a Caracterização das Encostas e dos Dados Obtidos no Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da ADA pela UHE-Corumbá. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
29. RUBIN, Julio Cezar Rubin et al. Arqueologia e Paleoambiente em Áreas de Cerrado. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 49 a 60.
30. SENE, Glaucia. A infância do gênero: A visibilidade das crianças na pré-história do norte de Minas Gerais. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2015, p. 54-74.
31. SOLARI, Ana; ISNARDIS, Andrei; LINKE, Vanessa. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2012, p. 115-134.
32. SOUZA, Marcos. Levantamento Arqueológico em Projetos de Larga Escala - a Experiência do Projeto UHE - Corumbá/Patrimônio Histórico. In: Revista de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 1998.
33. VIANA, Sibeli A. Instrumentos Fora de seus Contextos de Produção-Instrumentos Líticos Plano-Convexos provenientes de sítios lito cerâmicos do Estado de Mato Grosso. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 101-131.
34. VIANA, Sibeli A. Variabilidade e Persistência Tecnológica entre Instrumentos Líticos da Região Centro-Oeste. Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2011, p. 269-288.
35. VIANA, Sibeli A. Variabilidade Tecnológica em Sistema de Debitagem sítios lito-cerâmicos do Vale do Rio Manso (MT). In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2006, p. 797-832.
36. WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Sobre a musealização de acervos Iny-Karajá: desafios e possibilidades para uma prática decolonial. In: Revista Habitus,

Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2019, p. 53-76.

37. WITTMANN, Marcus. Implodindo Luzia: Traçando a Construção de Raça, Etnicidade e Nacionalidade na Arqueologia Brasileira. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), PUC de Goiás, 2015, p. 373-392.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz Nacib. Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. In: Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.

AB'SABER, Aziz Nacib. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil, 1967.

BARBOSA, Altair Sales. Andarilhos da Claridade: os primeiros habitantes do Cerrado. Universidade Católica de Goiás, Instituto do Trópico Subúmido, 2002.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. In: Revista USP, São Paulo, nº 44, 1999, p. 32-51.

BAXTER, Jane Eva. Archaeological field schools: A guide for teaching in the field. Routledge, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. MEC, SEB, DICEI, Brasília, 2013.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia. Brasília: Brasil. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2008, 2011 e 2018.

CAMPOS, Luana, et al. Por uma arqueologia não colonialista: entrevista com Paulette Seteeves. In: Revista Habitus, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), 2023.

CRIADO, Felipe. The visibility of the archaeological record and the interpretation of social reality. Interpreting archaeology. Routledge, 2013, p. 194-204.

DUTRA, Sandro; BARBOSA, Altair Sales Barbosa. Paisagens e fronteiras do Cerrado: ciência, biodiversidade e expansão agrícola nos chapadões centrais do Brasil. Estudos Ibero-Americanos, 2020.

FERREIRA, Tássio. Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro. Digitaliza Conteúdo, 2022.

GUIDON, Niède; BUCO, Cristiane de Andrade. “O estado da arte”: as pesquisas arqueológicas e o desenvolvimento regional na região do Parque Nacional Serra da Capivara In: PINHEIRO, A. P.; PELLEGRINI, Sandra (Org.). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. Teresina: EDUFPI, 2010.

- GUIDON, Niède et al. Geoparque Serra da Capivara (PI): proposta. In: CPRM, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. In: Albin Michel, 1997.
- MAGALHÃES, Marcelo de Souza, et al. Ensino de História: usos do passado, memória e mídia. Editora FGV, 2014.
- MARÍN-AGUILERA, Beatriz. Subaltern debris: Archaeology and marginalized communities. *Cambridge Archaeological Journal*, 2021, p. 565-580.
- MEGGERS, Betty. Vegetational Fluctuation and Prehistoric Adaptation in Amazonia. *World Archeology*, 1977, p. p. 287-303.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, 2017.
- MUSEU DO CERRADO. www.museucerrado.com.br, 2024.
- PINSKY, C. B.; LUCCA, T. R. de. O historiador e suas fontes. São Paulo: contexto, 2009, p. 93-117.
- PINSKY, Valerie. Commentary: a critical role for the history of archaeology. *Critical traditions in contemporary archaeology. Essays in the philosophy, history and socio-politics of archaeology*, 1989, p. 88-91.
- PROUS, André *Arqueologia Brasileira*. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1992.
- PUGLIESE JUNIOR, Francisco Antonio. Os líticos de Lagoa Santa: um estudo sobre organização tecnológica de caçadores-coletores do Brasil Central. Universidade de São Paulo, 2007.
- RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Mórula Editorial, 2021.
- RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Unpublished Spanish version of the German original text in K. Füssmann, HT Grütter and J. Rösen, 1994, p. 3-26.

ANEXOS

a. Tabela do panorama geral das publicações do IGPA;

Revista Habitus - Revista Do Instituto Goiano De Pré-História e Antropologia ISSN - 1413-4683				
Título	Volume	Número	Ano	
Revista de Divulgação Científica. Goiânia: UCG/IGPA. (exemplar físico)	1	1	1996	
Revista de Divulgação Científica. Goiânia: UCG/IGPA. (exemplar físico)	2	1	1998	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	3	1	jan./jun. 2005	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	3	2	jul./dez. 2005	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	4	1	jan./jun. 2006	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	4	2	jul./dez. 2006	
Temas Contemporâneos Arte: da pré-história à cultura popular. Goiânia: UCG/IGPA.	5	1	jan./jun. 2007	
Temas Contemporâneos em Patrimônio Histórico e Cultural. Goiânia: UCG/IGPA.	5	2	jul./dez. 2007	
Temas Contemporâneos em História, Memória e Patrimônio Cultural. Goiânia: UCG/IGPA.	6	1	jan./dez. 2008	
Temas Contemporâneos em Antropologia e Arqueologia. Goiânia: UCG/IGPA.	7	1	jan./dez. 2009	
Temas Contemporâneos em Arqueologia, Antropologia e Meio Ambiente. Goiânia: UCG/IGPA.	8	1	jan./dez. 2010	
Múltiplas Abordagens e Interdisciplinaridade. Goiânia: UCG/IGPA.	9	1	jan./jun. 2011	
Rupturas Aparentes. Goiânia: UCG/IGPA.	9	2	jul./dez. 2011	
Cemitérios e Mortes I. Goiânia: UCG/IGPA.	10	1	jan./jun. 2012	
Cemitérios e Mortes II. Goiânia: UCG/IGPA.	10	2	jul./dez. 2012	
Histórias e Culturas Alimentares I. Goiânia: UCG/IGPA.	11	1	jan./jun. 2013	
Histórias e Culturas Alimentares II. Goiânia: UCG/IGPA.	11	2	jul./dez. 2013	
Teoria Arqueológica da América do Sul. Goiânia: UCG/IGPA.	12	1	jan./jun. 2014	
Múltiplas Perspectivas sobre o Ensino de Arqueologia no Brasil. Goiânia: UCG/IGPA.	12	2	jul./dez. 2014	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	13	1	jan./jun. 2015	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	13	2	jul./dez. 2015	
Arqueologia das Práticas Rituais. Goiânia: UCG/IGPA.	14	1	jan./jun. 2016	
América Indígena: processos de mediação e ressignificação I. Goiânia: UCG/IGPA.	14	2	jul./dez. 2016	
América Indígena: processos de mediação e ressignificação II. Goiânia: UCG/IGPA.	15	1	jan./jun. 2017	
Temas Contemporâneos em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	15	2	jul./dez. 2017	
Gênero em Arqueologia e Antropologia. Goiânia: UCG/IGPA.	16	1	jan./jun. 2018	
Temas Contemporâneos em Arqueologia, Antropologia e História. Goiânia: UCG/IGPA.	16	2	jul./dez. 2018	
Museus e acervos arqueológicos e etnográficos: (re)leituras e experiências. Goiânia: UCG/IGPA.	17	1	jan./jun. 2019	
Missões Religiosas entre Indígenas em Perspectiva Comparada. Goiânia: UCG/IGPA.	17	2	jul./dez. 2019	
A Profissionalização da Arqueologia: perspectivas pós-regulamentação. Goiânia: UCG/IGPA.	18	1	jan./jun. 2020	
30 Anos do manual cerâmica Guarani. Goiânia: UCG/IGPA.	18	2	jul./dez. 2020	
Os bens culturais frente a mudança climática. Goiânia: UCG/IGPA.	19	1	jan./jun. 2021	
Arqueologia da Guerra e da Violência. Goiânia: UCG/IGPA.	19	2	jul./dez. 2021	
Conhecimentos Tradicionais e Biodiversidade na América Latina. Goiânia: UCG/IGPA.	20	1	jan./jun. 2022	
Prática Etnográfica e Conhecimento Arqueológico: etnoarqueologia, etnografia arqueológica e arqueologias indígenas e colaborativas. Goiânia: UCG/IGPA.	20	2	jul./dez. 2022	
Protagonismo Indígena: natureza, cultura e território. Goiânia: UCG/IGPA.	21	1	jan./jun. 2023	
Materialidades da Morte: Práticas, Símbolos e Espaços Funerários em Contextos Históricos. Goiânia: UCG/IGPA.	22	2	jul./dez. 2023	

b. Seleção das pesquisas publicadas sobre a arqueologia do cerrado;

Nº	Título	Palavra-chaves	Autor	Local	Bioma	Período
1	Levantamento Sistemático e Intensivo em Arqueologia: o Caso da UHE Costa Rica (MS).	pré-história; arqueologia de resgate; levantamento intensivo.	Paulo J. C. Mello; Julio C. R. de Rubin	Costa Rica, Mato Grosso do Sul	Cerrado (2019) https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/cos-ta-rica/panorama	Tradição Itaparica - 11.000 AP; Fase Serranópolis; Tradição Uma - 1.000 AP.
Resumo	O texto pretende mostrar as vantagens da utilização de uma metodologia de levantamento sistemático e intensivo para a localização de sítios arqueológicos, etapa indispensável para a compreensão do padrão de assentamento dos grupos pré-históricos. Utilizamos, como exemplo, o trabalho realizado na área diretamente afetada pela UHE Costa Rica (MS).					
2	A arte Rupestre no Projeto de Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Barra do Rio do Peixe.	levantamento arqueológico; arte rupestre; abrigos-sob-rocha.	Mariza de Oliveira Barbosa	sudoeste do Estado de Goiás; Doverlândia. Sítios GO-CP-43; GO-CP-45; GO-CP-46; GO-CP-47; GO-CP-48; GO-CP-52; GO-CP-53	Cerrado	Sítio datado em 2.500 ± 60 A.P. e 850 ± 60 AP; Relatório final de construção (1988).
Resumo	O estudo da arte rupestre apresentado neste texto compõe o Relatório final do Projeto de Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Barra do Rio do Peixe. Foram analisados novos sítios arqueológicos com presença de pinturas e petróglifos rupestres.					
3	A Situação da Arqueologia de Contato na Região Centro-Oeste.	Arqueologia; manejo de recursos culturais; região Centro-Oeste.	Paulo Jobim Campos Mello; Sibeli Aparecida Viana	Centro-oeste	Cerrado	Teoria
Resumo	A arqueologia de contato sofre, aqui na região Centro-oeste, um certo preconceito por parte de pesquisadores que questionam a 'cientificidade' deste tipo de trabalho. Há mais de 20 anos que essa questão vem sendo discutida nos EUA, onde a terminologia empregada passou a ser 'manejo de recursos culturais' dando a ideia de que o patrimônio cultural não é renovável. Pretendemos mostrar que não há diferenças significativas entre a pesquisa dita 'acadêmica' e a de 'contato', e que as duas podem caminhar e evoluir harmoniosamente.					
4	Quantificação dos Vasos Cerâmicos - Contagem de Bordas x Cálculo de Áreas dos Fragmentos.	pré-história; cerâmica; quantificação.	Paulo Jobim Campos Mello	município de Caldas Novas, Goiás; Sítio GO - CA - 21	Cerrado	Tradição Aratu 1.650 ± 50 AP. Escavação do sítio em (1995).
Resumo	Pretendemos mostrar que para a quantificação dos vasos existentes em um sítio arqueológico, o método do cálculo da área dos fragmentos é mais útil que a simples contagem das bordas, proporcionando, portanto, mais informações sobre os grupos pré-históricos que os produziu e utilizou.					
5	Tipologia do Material Cerâmico Encontrado na Área Diretamente Afetada pela UHE - Corumbá - GO.	tipologia cerâmica; função dos vasilhamentos; análise estatística.	Sibeli Aparecida Viana e Paulo Jobim Campos Mello	região que abrange parte de Caldas Novas, Ipameri, Pires do Rio e Corumbaliba (aprox. 65 km²).	Cerrado	Tradição Aratu (fases Mossamedes e Itaberá) e Tupiguarani.
Resumo	O presente trabalho realiza a tipologia do material cerâmico encontrado em sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada pela construção da Usina Hidrelétrica Corumbá - GO, bem como uma tentativa de definir a função dos vasilhamentos, tanto a partir de suas formas como de seus atributos tecnológicos. Para isso foram realizados testes estatísticos (análise de 'cluster' e de componente principal).					
6	Identidade Cultural e Memória - Objetos de Construção do Patrimônio Histórico.	memória; Patrimônio Histórico-Cultural; preservação.	Laís Aparecida Machado e Heloisa Selma Fernandes Capel de Ataídes.	Goiás	Cerrado	Teoria

11	Exemplares físicos
10	Tradição Itaparica e Gruta do Gentio II
16	Outros temas relacionados à arqueologia do cerrado
37	TOTAL

Resumo	Este artigo é parte do relatório de levantamento e resgate do Patrimônio Histórico-Cultural das áreas atingidas pela construção da UHE - Corumbá, realizado, no período de 1992-94, pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, por meio de contrato firmado com Furnas - Centrais Elétricas. Trata da política de preservação do Patrimônio Histórico-Cultural no Brasil e em Goiás - surgimento e evolução. Para compreender a concepção de patrimônio, recorre-se também às concepções de identidade cultural, de memória e de bem cultural consoante uma política cultural democrática que amplia o direito à cidadania cultural.					
7	Levantamento Arqueológico em Projetos de Larga Escala - a Experiência do Projeto UHE - Corumbá/Patrimônio Histórico.	levantamento arqueológico; Patrimônio Histórico e UHE-Corumbá.	Marcos André Torres de Souza	município de Caldas Novas, Goiás.	Cerrado	Teoria
Resumo	Este artigo apresenta uma revisão dos principais conceitos utilizados para a realização de levantamentos arqueológicos. Tendo isso como suporte, são examinados os procedimentos que foram utilizados no Projeto UHE-Corumbá/Patrimônio Histórico, em que são apresentadas algumas reflexões sobre a aplicabilidade dos métodos e alternativas para o contexto dos sítios históricos do Brasil.					
8	Cultura Material - uma Fonte Legítima? As Contribuições da História e da Arqueologia para o Debate.	cultural material; História e Arqueologia.	Heloisa Selma Fernandes Capel de Ataídes e Marcos André Torres de Souza	Corumbá, GO	Cerrado	Teoria
Resumo	Este artigo é parte de um trabalho interdisciplinar de levantamento e resgate do patrimônio histórico-cultural das áreas atingidas pela construção da barragem da UHE-Corumbá, desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, mediante contrato firmado com Furnas-Centrals Elétricas. É aqui apresentado um breve histórico da nação de cultura material e dos esforços para sua compreensão, tanto pela história quanto pela Arqueologia. Propõe-se um debate reatualizado, que se define nos recentes avanços destas duas disciplinas. Rejeitando visões reducionistas e unidimensionais da cultura material, procura-se dar lugar aqui a discussões de maior alcance, identificando-a como fonte legítima para o estudo das culturas e sociedades do passado.					
9	Análise do Meio Biótico como Recurso ao Salvamento de Sítios Arqueológicos da Área Afetada pela UHE-Corumbá.	Bioarqueologia; recursos; resgate; Arqueologia, diagnóstico.	Eliane Lopes	município de Caldas Novas, Goiás. Sítios GO-CA-10; GO-CA-11; GO-CA-19; GO-CA-20; GO-CA-26	Cerrado	Tradição Aratu (fases Mossamedes e Itaberá) e Tupiguarani.
Resumo	Este artigo é parte de um trabalho multidisciplinar de levantamento e resgate do patrimônio arqueológico das áreas atingidas pela construção da barragem da UHE-Corumbá, desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, mediante contrato firmado com Furnas Centrais Elétricas. A análise do meio biótico procurou fornecer ao arqueólogo informações a respeito da flora e da fauna que as populações nativas encontraram, das quais devem ser retirado pelo menos parte do seu sustento. Informações como essas permitirão a elaboração de um banco de dados sobre os elementos ambientais que possibilitaram a sobrevivência, em determinada época, de populações pré-históricas hortícolas, no sul do estado do Goiás. Os diferentes recursos disponíveis às populações pré-históricas foram inventariados baseando-se na análise da atual composição da flora e da fauna da área diretamente afetada pela UHE-Corumbá.					
10	A Paisagem no Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da UHE-Corumbá.	paisagem; cultura; resgate; patrimônio; história.	Eliane Lopes	Rio Corumbá (567,5 km)	-	Teoria
Resumo	Este artigo é parte de um trabalho multidisciplinar de levantamento e resgate do Patrimônio Histórico-Cultural das áreas atingidas pela construção da barragem da UHE-Corumbá, desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, mediante contrato firmado com Furnas Centrais Elétricas. Uma nova aplicação do estudo da paisagem concerne esta como um elemento integrante da cultura material de uma região. Cultura material sendo compreendida como qualquer elemento do meio físico culturalmente apropriado. A leitura da paisagem por meio de seus componentes bióticos pode relatar os recursos disponíveis à população local e, consequentemente, evidenciar, por um lado, costumes advindos da atividade exploratória desde recursos e, por outro lado, os laços abstratos da população em relação aos elementos da paisagem. Neste estudo, o rio Corumbá foi o fio condutor para a compartimentalização e investigação da paisagem local, pois, além de ser o principal elemento a ser transformado pela construção da hidrelétrica, traduz também o início da colonização na região.					
11	Geoarqueologia - Critérios Utilizados para a Caracterização das Encostas e dos Dados Obtidos no Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da ADA pela UHE-Corumbá.	Geoarqueologia; Arqueologia; Geomorfologia; levantamento arqueológico; interdisciplinaridade.	Julio cesar Rubin de Rubin e Jonas Israel de Sousa Melo	região que abrange parte de Caldas Novas, Ipameri, Pires do Rio e Corumbaliba (aprox. 65 km²).	Cerrado	Teoria
Resumo	A pesquisa pretende demonstrar os critérios utilizados na caracterização das encostas existentes na área de influência da UHE-Corumbá, relacionando-se com os dados obtidos nos sítios arqueológicos, ressaltando sempre a importância da interdisciplinaridade em trabalhos de Arqueologia, neste caso Geoarqueologia. O produto final é um registro do tipo de ocupação das encostas do vale do rio Corumbá pelas populações pré-históricas.					

12	Análise Palinológica: fundamentos e perspectivas na pesquisa arqueológica.	palinologia; arqueologia; palinomorfos antropogênicos; clareiras; civilizações pré-históricas.	Matheus de Souza Lima-Ribeiro; Maira Barberi	CITAÇÃO Crominia (GO); Chapada dos Veadeiros e Lagoa Feia (GO); Vereda de Águas Emendadas (DF); Lagoa Bonita (DF); e no Alto rio Meia Ponte (GO).	Cerrado	Século XVI - XX
Resumo	Estudos sobre análise palinológica aplicada à Arqueologia buscam compreender as ocupações humanas pré-históricas, detectando distúrbios na vegetação nativa causados pela ação antrópica. Embora escassos no Brasil, trabalhos de palinologia constituem uma ferramenta importante, constatando a presença do pólen de vegetais cultivados e a evolução da paisagem, auxiliando na caracterização dos processos espaciais e temporais relacionados às culturas pré-históricas.					
13	A Pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-histórico do Planalto Central do Brasil.	povoamento pré-histórico; tecnologia lítica; pré-história do Planalto Central do Brasil; tradição. itaparica.	Antoine Lourdeau	Serranópolis, Planalto Central.	Cerrado (2019) https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/serranopolis/panorama	desde 18.000 AP.
Resumo	A seqüência arqueológica pré-cerâmica do Planalto Central do Brasil é bem conhecida graças especialmente aos sítos da região de Serranópolis. No entanto, as modalidades do povoamento pré-histórico do Planalto ainda permanecem pouco precisas. A abordagem tecnológica do material lítico dessa seqüência oferece um potencial explicativo que pode se tornar determinante no âmbito de tal problemática.					
14	É possível perceber evolução no material lítico lascado? O exemplo das indústrias encontradas no Vale do Rio Manso (MT).	tecnologia lítica; objeto técnico; evolução técnica; Planalto Central do Brasil.	Paulo Jobim de Campos Mello	Cuiabá, Vale do Rio Manso, MT.	Cerrado (2019) https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama	desde 11.000 AP.
Resumo	Este artigo trata das indústrias líticas encontradas no Planalto Central do Brasil, analisadas com base na tecnologia. Enfoca-se a possibilidade de perceber sua evolução técnica (de acordo com o conceito elaborado por Simondon). Utiliza-se como exemplo o material encontrado no Vale do Rio Manso (MT).					
15	Variabilidade Tecnológica em Sistema de Debitagem sítos lito-cerâmicos do Vale do Rio Manso (MT).	tecnologia lítica; sítos lito-cerâmicos; evolução tecnológica; Planalto Central Brasileiro.	Sibeli A. Viana	Cuiabá, Vale do Rio Manso, Planalto Central, MT.	Cerrado (2019) https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama	de 340 +50 AP a 2.230 +40 AP.
Resumo	Esta pesquisa analisa o sistema de debitage utilizado para a exploração de núcleos presentes em dez sítos lito-cerâmicos do Vale do Rio Manso (MT). Esses sítos apresentam diferentes datações - de 340 +50 AP a 2.230 +40 AP. A análise desse material lítico se baseia na caracterização evolutiva dos sistemas de debitage, com identificação das diferentes concepções de produção de suporte dos instrumentos lascados.					
16	Diagnóstico do Padrão de Paisagem com Métricas dos Remanescentes de Vegetação em Goiânia.	Padrão de paisagem; Ambiente urbano; Vegetação rema-nescente; Conservação; Geoprocessamento.	Ernesto Camelo de Castro; Nilson Clementino Ferreira.	Goiânia, GO.	Cerrado.	Teoria
Resumo	O padrão de paisagem dos remanescentes de vegetação natural nas áreas urbana e rural do município de Goiânia foi avaliado utilizando-se índices de paisagem para uma análise realista de como o crescimento desta metrópole está afetando processos ecossistêmicos necessários à manutenção de uma sustentabilidade ambiental para sua população. Concluiu-se com este trabalho que o simples cumprimento da legislação vigente representaria uma signifi cativa alteração no padrão de paisagem dos remanescentes de vegetação e são sugeridas ações urgentes para uma conservação mínima do ambiente já extremamente ameaçado do município.					
17	O Caminho que Leva ao Corrente: o sítio arqueológico histórico cachoeira do corrente.	Sítos históricos; paisagem; caminhos.	Cristiane Loriza Dantas	Cachoeira do Corrente, município de Aporé, à margem do Ribeirão Corrente, GO.	Cerrado	Século XVII - XIX
Resumo	Este artigo tem como objetivo apresentar discussões referentes relações sociais que se estabeleceram no sudoeste goiano por meio da Fazenda Cachoeira do Corrente instalada às margens do Córrego Corrente, na primeira metade do século XIX. Do ponto de vista da arqueologia, o estudo da fazenda é de significativa importância, pois poucos são os trabalhos realizados contemplando estes contextos.					
18	Arqueologia e Paleoambiente em Áreas de Cerrado.	Arqueologia; Paleoambiente; Geoarqueologia; Cerrado; Planalto Central Brasileiro; Coberturas Detrito-Lateríticas.	Julio Cezar Rubin de Rubin; Maira Barberi; Rosiclér T. da Silva; Antonio R. Saad; Gabriele V. Garcia; Caroline M. Lemos.	Goias	Cerrado	A data mais antiga dos sedimentos atinge 43.000 anos AP.
Resumo	O artigo discute temas como arqueologia e paleoambiente, geoarqueologia fluvial, transformações da paisagem e correlação entre sítos de caçadores-coletores com coberturas detrito-lateríticas no estado de Goiás. As considerações são estabelecidas com base no conhecimento disponível e na perspectiva de aplicação dos temas na pesquisa arqueológica.					
19	A Construção Social do Espaço: de volta às aldeias circulares do Brasil Central.	Aldeias circulares; Arqueologia do Brasil Central; Espaços rituais; Cosmologias ameríndias.	Cristiana Barreto	Goias, Mato Grosso.	Cerrado	8.000 AC - 370 AC
Resumo	Este trabalho revisa algumas ideias sobre os significados da organização espacial das aldeias circulares do Brasil Central e usos de pátios centrais enquanto espaços públicos. Esta revisão se dá à luz de novos dados sobre a arqueologia de aldeias circulares na Amazônia Central e as propostas advindas de pesquisas etnoarqueológicas em aldeias circulares do Alto Xingu.					
20	Reflexões sobre as Primeiras Populações do Brasil Central: "Tradição Itaparica".	Brasil Central; Tradição Itaparica; Análise tecnológica.	Maria Jacqueline Rodet; Déborah Duarte-Talim; Luis Felipe Barri.	Brasil Central	Cerrado	Holoceno inicial, entre 12/11 e 10 mil anos BP e do Holoceno médio, por volta de 8 mil BP.
Resumo	Este artigo se propõe a discutir as diversas definições, limites e problemas do que foi definido como Tradição Itaparica. A partir de um extenso levantamento bibliográfico e estudos de caso em diferentes contextos do Brasil Central, procuramos sintetizar e organizar o que diferentes autores abarcaram sob esta classificação extremamente abrangente. Assim, propõe-se um novo olhar sobre essa Tradição.					
21	Instrumentos Fora de seus Contextos de Produção - Instrumentos Líticos Plano - Convexos provenientes de sítos lito-cerâmicos do Estado de Mato Grosso.	Tecnologia lítica; estrutura técnica; evolução técnica; tradição cultural.	Sibeli A. Viana	vale do Rio Manso, Mato Grosso.	Cerrado	11.000 BP - 760 AP.

Resumo	Este artigo trata dos aspectos metodológicos que nortearam a análise dos instrumentos lascados de sítios lito-cerâmicos situados no vale do rio Manso, região centro-sul do estado de Mato Grosso. A análise teve como referência as concepções epistemológicas de evolução tecnológica de objetos técnicos, propostas por Simondon (1969), desenvolvidas e aplicadas a indústrias líticas pré-históricas por Boëda (1997). O fio condutor do artigo passa por uma discussão acerca da presença de instrumentos lascados, tradicionalmente considerados como "lesmas", relacionadas a sítios antigos de grupos caçadores-coletores do Planalto Central Brasileiro (Tradição Itaparica, com cerca de 11.000 BP), mas que na presente área de pesquisa foram localizados em contextos de sítios arqueológicos mais recentes, relacionados a grupos agricultores e ceramistas (Tradição Uru, com cerca de 760 AP).					
22	Primeiros Povos do Bioma Cerrado no Brasil Central e Biologia Molecular.	Identidade; Genética; Arqueologia; DNA; Extração.	Judas Tadeu N. Nóbrega; Rosicléir T. da Silva; Viviane Martins de M. Nóbrega; Kátia	Bahia; Goiás.	Cerrado	desde 8.000 AP
Resumo	Este artigo visa apresentar informações preliminares sobre a extração de DNA do +B28s primeiros povos do bioma cerrado, partindo de pesquisas desenvolvidas junto ao Mestrado em Genética (PUC-Goiás), de ossos humanos exumados de Sítios Arqueológicos. Essa pesquisa objetiva estabelecer um protocolo para extração de DNA humano e quantificação para posteriores desdobramentos em outras análises genéticas.					
23	A Gestão do Patrimônio Arqueológico na Arqueologia do Licenciamento Ambiental.	Patrimônio Arqueológico; Arqueologia Preventiva; Sítio histórico; Sítio pré-colonial.	Dilamar Candida Martins	Paranaíba, nos rios Corumbá e Verde, nos municípios de Luziânia e Caçu, no Estado de Goiás.	Cerrado	Teoria
Resumo	Este estudo enfoca o processo de gestão do Patrimônio Arqueológico, analisando duas situações concretas vivenciadas na prática da Arqueologia Preventiva. A abordagem compreende um sítio histórico e um pré-colonial localizados na bacia do Paranaíba, nos rios Corumbá e Verde, nos municípios de Luziânia e Caçu, no Estado de Goiás, no âmbito das usinas hidrelétricas Corumbá III e Salto do Rio Verdinho, respectivamente.					
24	Outro Tempo, o Mesmo Espaço: resíduos litológicos do gentio II.	Gruta do Gentio II; Resíduos líticos; Distribuição espacial; Análise estatística.	Beatriz Ramos da Costa	Gruta do Gentio, Unai, MG.	Cerrado	410 +/- 60 AP a 10.190 +/- 120 AP
Resumo	Os resíduos litológicos da Gruta do Gentio II foram identificados, quantificados e pesados, e os dados produzidos foram analisados com métodos estatísticos de similaridade e distribuição espacial. Os resultados apontaram uma ruptura de padrão entre os registros das camadas datadas do Holoceno inicial, e sugerem algumas continuidades nos registros mais jovens entre os horizontes caçador-coleto e horticultor.					
25	Variabilidade e Persistência Tecnológica entre Instrumentos Líticos da Região Centro-Oeste.	Tecnologia Lítica; Variabilidade; Persistência; Região Centro Oeste; Grupos Ceramistas.	Sibeli A. Viana	região do Rio Manso, região do rio Tombador e região do rio Caiapó (Palestina de Goiás).	Cerrado	300 +/- 80 AP a 2230 +/- 40 AP.
Resumo	Este artigo tem por objetivo discutir sobre a variabilidade e a persistência técnica de instrumentos líticos lascados, encontrados em sítios arqueológicos do período holocênico, especificamente em contextos arqueológicos em que a cerâmica está associada à cultura material lítica. Tomarei, como estudo de situação, materiais líticos provenientes de três regiões distintas da região Centro-Oeste do Brasil: região do Rio Manso, região do rio Tombador e região do rio Caiapó (Palestina de Goiás).					
26	Entre Cascas e Couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboco (Diamantina, Minas Gerais).	Sepultamentos secundários; Holoceno Superior; Serra do Espinhaço; Horticultores; Arqueologia Pré-histórica.	Ana Solari; Andrei Isnardis; Vanessa Linke	Diamantina, MG.	Cerrado	680 +/- 50 BP [Beta 199504] e 1220 +/- 40 BP [Beta 199503].
Resumo	Lapa do Caboco, em Diamantina (Minas Gerais), apresenta em suas ocupações do Holoceno Superior, quatro estruturas funerárias, correspondendo a sepultamentos secundários de composição sofisticada. Apresentamos os estudos bioarqueológicos, elementos do processo de escavação e características das estruturas (constituídas por estojos de cascas de árvores, com ossos recobertos de pigmentos, resina, penas e couro), construindo interpretações sobre as práticas funerárias. [Na área de pesquisa foram identificados 102 sítios arqueológicos, sendo 101 em abrigo].					
27	Ossos do Ofício: cemitérios, licenciamento ambiental e prática arqueológica em Arraias, Tocantins.	Licenciamento Ambiental; Conflitos; Arqueologia de Contrato; Cemitérios.	Rafael de Abreu e Souza; Márcia Lika Hattori; Patrícia Fischer	Arraias, Tocantins.	Cerrado	Teoria
Resumo	Este artigo discute o papel desempenhado pela arqueologia em um cemitério rural, contemplando o referencial teórico, as metodologias e os passos adotados no processo. Embora os cemitérios constem como sítios arqueológicos a serem protegidos desde a lei de 1961 nem todo cemitério é um sítio. Como atuar fora desta categoria? Quando os cemitérios são da alçada arqueológica? A Portaria IPHAN basta? Com base nestas questões discutimos nossa prática nestes contextos.					
28	Fontes Arqueológicas que não findam: a relevância do monitoramento arqueológico.	Geoarqueologia fluvial; Mato Grosso do Sul; Monitoramento arqueológico.	Emilia Mariko Kashimoto	rio Paraná, Mato Grosso do Sul.	Cerrado, Mata Atlântica	Teoria
Resumo	Este artigo apresenta os resultados da pesquisa geoarqueológica do alto curso do rio Paraná, Mato Grosso do Sul, Brasil. A análise visou o registro dos processos erosivos sobre 24 sítios arqueológicos provenientes da implantação das usinas hidrelétricas Eng. Sérgio Motta, Ilha Solteira e Jupia, para a ampliação do conhecimento arqueológico regional e a mitigação de impactos sobre o patrimônio arqueológico.					
29	Arqueologia da Paisagem, Serranópolis na Interpretação dos Espaços Sociais.	Arqueologia; Experiência; Paisagem; Tecnologia.	Ricardo Augusto Silva Nogueira	Serranópolis, GO; Planalto Central Brasileiro (Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul,	Cerrado	desde 11.000 BP.
Resumo	As experiências e relações construídas entre os homens e a natureza em Serranópolis-GO, garantiram a sobrevivência dos grupos humanos por mais de 11.000 mil anos nessa região. Produzir estudos através de abordagens teóricas como da 'Arqueologia da Paisagem' e com o uso de novas tecnologias, tem como objetivo contribuir com as novas demandas da pesquisa científica no entendimento dessa ocupação.					
30	Remae Centro-Oeste: Percursos de uma Pesquisa.	Arqueologia; Museologia; Musealização da Arqueologia.	Luzia Antônia de Paula Silva; Manuelina Maria Duarte Cândido	Centro-Oeste	Cerrado	Teoria
Resumo	Esta pesquisa, inserida na Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográficos (REMAAE), tem por objetivo realizar o levantamento das condições curatoriais de coleções arqueológicas no centro-oeste brasileiro. Identificamos instituições, tipos de acervos, estruturas, processo de salvaguarda, acondicionamento, difusão do conhecimento, a partir da aplicação de questionário e estudos bibliográficos. O artigo apresenta alguns resultados preliminares e perspectivas desta pesquisa.					
31	A Infância do Gênero: a Visibilidade das Crianças na Pré-história do Norte de Minas Gerais.	Gênero; Idade; Infância; Ritos Funerários.	Gláucia Malerba Sene	Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais.	Cerrado	entre 3.500 e 500 anos A.P.
Resumo	Partindo da ideia de que a construção de gênero se dá ao longo do tempo, consideramos fundamental inserirmos a infância como elemento estruturante nesse processo. Como gênero, a infância também é uma construção social, que além de dinâmica e contextual, é também histórica, uma vez que está fortemente vinculada aos diferentes estágios da vida. Nosso estudo busca demonstrar a relação entre gênero, idade e socialização, e como sua construção se dá a partir da infância, tendo como referência analítica os contextos funerários de crianças da Gruta do Gentio II, em Minas Gerais. Não tivemos como foco um estudo meramente bioarqueológico, mas de modo especial os itens diagnósticos dos contextos funerários, com base os pressupostos teóricos da arqueologia contextual, de gênero, identidade e da infância, numa perspectiva dialética e transdisciplinar com a antropologia e a história.					
32	Implodindo Luzia: Traçando a Construção de Raça, Etnicidade e Nacionalidade na Arqueologia Brasileira.	Antropologia da Ciência; Arqueologia; Luzia.	Marcus A. S. Wittmann	Região de Lagoa Santa, Minas Gerais.	Cerrado	entre 11.500 e 11 mil anosA. P.7 (NEVES, PILÓ, 2008, p. 136)

Resumo	Este artigo se propõe a analisar a construção do conhecimento arqueológico referente à Luzia, o hominídeo mais antigo encontrado no Brasil. Traçando os diferentes locais, tempos, métodos e teorias pelas quais o crânio do Hominídeo I, da Lapa Vermelha IV, passou, pretende-se mostrar como sua identidade, de primeira brasileira, foi formada pela Arqueologia brasileira e pela mídia. Seguindo controvérsias e debates acerca de Luzia, desde sua descoberta na década de 1970 até a solidificação de sua identidade brasileira na década de 1990 e na manutenção e uso dessa verdade nota-se, atualmente, como Luzia foi constituída como um fato científico de grande relevância para a Arqueologia brasileira e mundial. A Implusão - conceito proposto por Haraway - do processo de construção do conhecimento e de extroversão deste sobre Luzia nos mostra como os conceitos de raça, etnicidade e nacionalidade são constituídos na e pela arqueologia brasileira.					
33	Sobre a musealização dos acervos Iny-Karajá: Desafios e possibilidades para uma prática decolonial.	Arqueologia Etnográfica; Musealização; Povo Iny Karajá; Rio Araguaia; Decolonialidade.	Camila Azevedo de Moraes Wichers	Rio Araguaia, no Goiás, Tocantins, Mato Grosso.	Cerrado	Teoria
Dossiê Resumo	Neste artigo, apresento aspectos da musealização de acervos Iny-Karajá, indicando as barreiras e potencialidades no cenário contemporâneo. Inspirada pela prática decolonial e pela experiência etnográfica vivenciada no projeto "Rio Araguaia: lugar de memórias e identidades" busco trazer reflexões acerca dos processos de colecionamento do povo Iny-Karajá, partindo de uma breve descrição da trajetória das pesquisas e formação de coleções desse povo. Passo, então, a apresentar algumas premissas e conceitos do processo de musealização, bem como a perspectiva decolonial. Por fim, apresento o projeto Rio Araguaia, destacando duas experiências de musealização que demonstram os desafios e as possibilidades evidenciadas pela interface entre Arqueologia, Antropologia e Museologia e, mais que isso, a partir do diálogo intercultural.					
34	Retomando a primeira coleção arqueológica do museu antropológico/UFMG, o sítio Cachoeira (GO-CA-1) e algumas histórias adormecidas.	Coleções arqueológicas; Museu Antropológico/UFMG; História indígena; História da Arqueologia de Goiás; Sítio Cachoeira (GO-Ca.1).	Diego Teixeira Mendes; Tatyana Beltrão de Oliveira; Natália Dutra Costa; Manuelina Maria Duarte Cândido.	Sítio Cachoeira, Orizona, GO	Cerrado	895 ± 90 BP
Dossiê Resumo	Na presente pesquisa retomamos a primeira coleção arqueológica do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, relacionada ao curso ministrado por Igor Chmyz, em 1972, visando a formação de pesquisadores em arqueologia deste museu. Buscamos investigar questões relacionadas à história da arqueologia no Estado de Goiás e as práticas arqueológicas efetuadas durante as etapas de campo no sítio arqueológico Cachoeira (GO Ca-01), localizado no município de Orizona/GO, na pesquisa original. Consideramos que as práticas calçadas em relações informante/arqueólogo aprofundam a estratigrafia do abandono proposto por Bruno (2014) para os acervos arqueológicos brasileiros.					
35	VALORIZAÇÃO E SALVAGUARDA DOS SABERES ANCESTRAIS DE CURA E CUIDADO NO QUILOMBO DE MATA CAVALO.	Saberes Ancestrais, Medicina Popular, Práticas de Cura e Cuidado.	Lucimberg Camargo Dias, Edson Caetano	Quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento/MT	Cerrado	Teoria
Dossiê Resumo	Este artigo discute a valorização e a salvaguarda dos saberes ancestrais de cura e cuidado dos raizais e raizeiras, garrafeiros e garrafeiras do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo. A reflexão partou-se na análise dos resultados da pesquisa empírica desenvolvida no âmbito do Projeto "Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento/MT", com o objetivo central de evidenciar a importância das práticas da medicina popular como forma de resistência e de construção da identidade do povo quilombola. O projeto foi desenvolvido por meio de pesquisa participante, com rodas de conversa, debates coletivos, observação e oficinas formativas, tendo como um dos objetivos a construção de um pequeno viveiro, como forma de conservação e acesso às plantas e ervas medicinais e a guarda de saberes, essenciais a este modo de vida e para a proteção do bioma.					

36	Onde está o foco? Os artefatos plano-convexos recentes da região de Diamantina (Minas Gerais) e a comparação de contextos arqueológicos.	Tecnologia Lítica, Holoceno Superior, Brasil Central, Transição Pleistoceno-Holoceno, Diamantina.	Andrei Isnardis	Diamantina, Minas Gerais	Cerrado	Pleistoceno e Holoceno
Artigo	Na região de Diamantina, Minas Gerais, as ocupações indígenas do Holoceno superior são marcadas pela presença de uma indústria lítica que contém artefatos unifaciais plano-convexos, semelhantes àqueles do Pleistoceno final e do Holoceno inicial de outras áreas do Brasil Central. Neste artigo, discuto as semelhanças e diferenças entre os plano-convexos desses dois contextos, com um enquadramento mais amplo do que estritamente esses artefatos. A ideia é, em igual medida, apresentar os artefatos indígenas do Holoceno superior de Diamantina, em comparação com aqueles da transição do Pleistoceno ao Holoceno, e refletir sobre o modo como fazemos comparações entre contextos arqueológicos.					
37	Invertendo o método: as tradições técnicas cerâmicas da cidade de Pedra/MT.	Holoceno recente, Abordagem tecno-cultural, Tecnologia cerâmica, Interações culturais, História pré-colonial.	Juliana De Resende Machado	Chapada dos Guimarães MT	Cerrado	1.060 ± 40 BP e 1.900 ± 40 e 205 ± 40 BP
Artigo	Inseridos numa área de grande diversidade cultural, os abrigos da Cidade de Pedra têm tipos de cerâmicas variados. Essa mistura oculta diferentes situações socioculturais de interação entre as culturas arqueológicas. Nosso interesse é reconstituir a história dessas ocupações, num intervalo entre 1.900 ± 40 e 205 ± 40 BP, buscando as distinções culturais e as relações estabelecidas entre os grupos. O método empregado é a análise tecnológica de coleções vindas de cinco sítios arqueológicos. Identificou-se dois intervalos de ocupação. O mais antigo é marcado por uma cerâmica feita em roletes. Por volta de 1.060 ± 40 BP, estabeleceu-se um grupo portador de uma cerâmica feita em massa de argila e por roletes. Nota-se a circulação de objetos vindos do alto Paraguai e do cerrado. O Holoceno recente da Cidade de Pedra fica assim caracterizado pela sucessão gradual de diferentes grupos culturais e uma etapa final mais evidente de interação entre grupos vizinhos.					

c. Tabela temática de contribuições das ciências por palavras-chaves.

Arqueologia do cerrado									
pré-história; arqueologia de resgate; levantamento intensivo.	pré-história; cerâmica; quantificação.	levantamento arqueológico; Patrimônio Histórico e UHE-Corumbá.	paisagem; cultura; resgate; patrimônio; história.	povoamento pré-histórico; tecnologia lítica; pré-história do Planalto Central do Brasil; tradição. Itaparica.	Arqueologia histórica; entre-rios; sertão e mar.	Arqueologia; Paleambiente; Geoarqueologia; Cerrado; Planalto Central Brasileiro; Coberturas Detrito-Lateríticas.	Tecnologia lítica; estrutura técnica; evolução técnica; tradição cultural.	Etnoarqueologia; Territorialização; Sistema de assentamentos; Terena; Terra Indígena Buriti.	Sepultamentos secundários; Holoceno Superior; Serra do Espinhaço; Horticultores; Arqueologia Pré-histórica.
levantamento arqueológico; arte rupestre; abrigos-sob-rocha.	tipologia cerâmica; função dos vasilhamentos; análise estatística.	cultural material; História e Arqueologia.	Geoarqueologia; Arqueologia; Geomorfologia; levantamento arqueológico; interdisciplinaridade.	tecnologia lítica; objeto técnico; evolução técnica; Planalto Central do Brasil.	Padrão de paisagem; Ambiente urbano; Vegetação remanescente; Conservação; Geoprocessamento.	Aldeias circulares; Arqueologia do Brasil Central; Espaços rituais; Cosmologias ameríndias.	Identidade; Genética; Arqueologia; DNA; Extração.	Gruta do Gentio II; Resíduos líticos; Distribuição espacial; Análise estatística.	Tecnologia Lítica, Holoceno Superior, Brasil Central, Transição Pleistoceno-Holoceno, Diamantina.
Arqueologia; manejo de recursos culturais; região Centro-Oeste.	memória; Patrimônio Histórico-Cultural; preservação.	Bioarqueologia; recursos; resgate; Arqueologia; diagnóstico.	palinologia; arqueologia; palinomorfos antropogênicos; clareiras; civilizações pré-históricas.	tecnologia lítica; sítios; lito-cerâmicos; evolução tecnológica; Planalto Central Brasileiro.	Sítios históricos; paisagem; caminhos.	Brasil Central; Tradição Itaparica; Análise tecnológica.	Patrimônio Arqueológico; Arqueologia Preventiva; Sítio histórico; Sítio pré-colonial.	Tecnologia Lítica; Variabilidade; Persistência; Região Centro Oeste; Grupos Ceramistas.	Holoceno recente, Abordagem tecnológica cerâmica, Interações culturais, História pré-colonial.
Geoarqueologia fluvial; Mato Grosso do Sul; Monitoramento arqueológico.	Arqueologia; Experiência; Paisagem; Tecnologia.	Arqueologia; Museologia; Musealização da Arqueologia.	Restauração; Patrimônio; Casa de Enxaimel; Beco do Jogo.	Gênero; Idade; Infância; Ritos Funerários.	Arqueologia Etnográfica; Musealização; Povo Iny Karajá; Rio Araguaia; Decolonialidade.	Loreções arqueológicas; Museu Antropológico/UFG; História indígena; História da Arqueologia de Goiás; Sítio.	Saberes Ancestrais, Medicina Popular, Práticas de Cura e Cuidado.	Licenciamento Ambiental; Conflitos; Arqueologia de Contrato; Cemitérios.	

Reconstituição Paleoecológica									
Climatologia	Pedologia	Geomorfologia	Sedimentologia	Botânica	Palinologia	Zoologia	Palentologia	Genética	
Arqueologia									
	Cerâmica	Lítica	Levantamentos	Patrimônio	Etnoarqueologia				

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Amanda Gomes Fernandes, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **O QUE HÁ SOB OS SOLOS DO CERRADO? A ARQUEOLOGIA DO BIOMA A PARTIR DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELA REVISTA HABITUS, DO INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA (IGPA)**, foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Em 19 de setembro de 2024.

Amanda Gomes Fernandes

Amanda Gomes Fernandes

(Matrícula: 1601101238)